

FÁBIO PALMEIRA ELEUTÉRIO

UM DISPOSITIVO LABIRÍNTICO:
As identidades em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
MONTES CLAROS
Julho/2013

FÁBIO PALMEIRA ELEUTÉRIO

**UM DISPOSITIVO LABIRÍNTICO:
As identidades em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade

Orientador: Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
Montes Claros
Julho/2013

E37d Eleutério, Fábio Palmeira.

Um dispositivo labiríntico [manuscrito] : as identidades em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho / Fábio Palmeira Eleutério. – 2013.
91 f.: il.

Bibliografia: f. 88-91.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários/PPGL, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo.

1. Literatura brasileira. 2. Carvalho, Bernardo, 1960 – *Nove noites* (2002) - Análise. 3. Identidade. 4. Pós-modernismo. 5. Dispositivo identitário. I. Camargo, Fábio Figueiredo. II. Universidade Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: As identidades em *Nove noites*, de Bernardo Carvalho.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



Dissertação de Mestrado, intitulada **"UM DISPOSITIVO LABIRÍNTICO: as identidades em Nove Noites, de Bernardo Carvalho"** de autoria Fábio Palmeira Eleutério, orientado pelo professor Doutor Fábio Figueiredo Camargo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Fábio Figueiredo Camargo - Presidente da Banca – (Unimontes)

Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo – (UFT)

Profª. Drª. Telma Borges da Silva – (Unimontes)

Prof. Dr. Elcio Lucas de Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários

Montes Claros, 23 de agosto de 2013

Dedico este trabalho aos meus professores Fábio Camargo e Telma Borges, que tiveram paciência e carinho comigo e que souberam retirar de mim a capacidade que eu nem sabia que tinha. Aos meus colegas de classe, que apoiaram sempre quando eu fraquejava. À minha família, que almeja o melhor para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores que me acompanharam nesta jornada e que me fizeram ver que, a cada dia, com esforço e dedicação, é possível mudar um pouco o presente e o futuro.

Agradeço também aos meus pais, que me apoiam em minhas escolhas, fazendo com que eu aprendesse, com as minhas próprias experiências, como viver e como me desenvolver no caminho que fosse o melhor para ser feliz.

Acima de tudo, agradeço a Fábio Figueiredo Camargo pelas orientações e leituras, pois, agora, posso falar com propriedade sobre identidades; principalmente por, durante a pesquisa e a escrita, ter pensado sobre minhas próprias identidades.

*Then I move across the sea
To European bliss
To language of poets
As I cut the cord of home
I kiss my mother's mother
Look to the horizon
Wide eyed, new ground
Humbled by my new surroundings

I am a citizen of the planet.*

Alanis Morissette

RESUMO

Este trabalho analisa o romance *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, e a complexidade em torno do conceito de identidade, tendo como base as considerações de Stuart Hall, Anthony Giddens e Zygmunt Bauman. O sujeito pós-moderno fragmentado, inserido em uma sociedade globalizada e excludente, pode ser lido de várias maneiras na obra de Carvalho, na qual encontramos um labirinto de informações, sugerindo dispositivos identitários que dão pistas para uma interpretação dos personagens como sujeitos complexos e múltiplos. O romance propõe que a visão do outro sobre o sujeito é determinante para a interpretação da identidade, construindo duas narrativas, uma, em forma de memória, e outra, em forma de relato de experiência; as duas narrando fatos sobre um mesmo personagem, com perspectivas diferentes. Os personagens nadam na fluidez das identidades móveis pós-modernas, comprovando que as construções identitárias culturais recentes não são estáveis nem fixas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; identidade; pós-modernismo; Bernardo Carvalho; dispositivo identitário.

ABSTRACT

This work aims to analyse the novel *Nove Noites*, by Bernardo Carvalho, and the complexity around the identity concept, taking on the basis Stuart Hall, Anthony Giddens and Zygmunt Bauman's considerations. The fragmented post-modern subject, inserted in an globalized and exclusive society, can be read in several ways inside this novel, which we found a labyrinth of information, suggesting identity devices that give clues to an interpretation of the characters as multiple and complex persons. The novel suggests that the others view about the person is determinant to the rendering of its identity, building up two narratives, one, in a form of memory, and the other one, as a form of an experience report; both narrating about the same character, with different perspectives. The characters swim in the fluidity of the moving post-modern identities, attesting that the recent cultural identity constructions are neither stable nor fixed.

KEYWORDS: Brazilian literature; identity; post-modernism; Bernardo Carvalho; identity device.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I O labirinto de Bernardo Carvalho	9
II A proposta de pesquisa	14
 CAPÍTULO 1 – UM INSTANTÂNEO	16
1.1 O mundo	17
1.2 Literatura brasileira e identidade	22
1.3 A literatura brasileira contemporânea	25
 CAPÍTULO 2 – IDENTIDADES (I)MÓVEIS.....	27
2.1 Os sujeitos representados no romance.....	28
2.2 Dispositivos identitários	29
2.2.1 Discutindo a identidade segundo Stuart Hall	31
2.2.2 Discutindo a identidade segundo Anthony Giddens	36
2.2.3 Discutindo a identidade segundo Zigmunt Bauman.....	41
2.3 A identidade como objeto.....	51
 CAPÍTULO 3 – ASPECTOS NARRATIVOS IDENTITÁRIOS	55
3.1 <i>Nove Noites</i>	56
3.2 O narrador Jornalista	60
3.3 Labirinto de identidades	63
3.4 Narrador pós-moderno	68
3.5 As imagens	72
3.6 Estilo de vida e escolhas.....	79
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
 BIBLIOGRAFIA	88

INTRODUÇÃO

I O labirinto de Bernardo Carvalho

*Isto é para quando você vier e sentir o temor de continuar procurando, mesmo já tendo ido longe demais. Ele deve ter lhe falado dos portos que visitou, do que viu pelo mundo, sempre um pouco mais além numa busca sem fim e circular [...].*¹
(CARVALHO, 2006, p. 37).

O livro *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, guia o leitor por caminhos numa busca sem fim e circular, como comentado pelo narrador na citação acima. O romance lembra o labirinto da mitologia grega. Na mitologia, o labirinto foi feito, por Dédalo, para aprisionar o Minotauro, ser que foi concebido por Pasifae, esposa do rei Minos. O labirinto se prestava para que aquele que estivesse lá dentro não encontrasse a saída, seguindo por caminhos que se cruzavam ou que não tinham saída. Michel Foucault (2004), em estudo sobre Raymond Russel – *Death and the labyrinth*, afirma que o labirinto direciona para o Minotauro, o monstro que é impressionante e também uma cilada. O Minotauro, por sua própria natureza, abre um segundo labirinto: a cilada do homem, da besta, e dos deuses, um nó de apetites e pensamentos mudos. Os corredores sinuosos são repetidos, a menos que seja o mesmo corredor².

Ao aprofundar na leitura do romance de Bernardo Carvalho, o leitor vai levantando algumas hipóteses e descartando outras, e ao fim, o mistério da morte do antropólogo não é revelado. Há no romance um jogo de identidades que demonstra o quão intrincada é a questão identitária. Bernardo Carvalho constrói o romance *Nove Noites* – sua forma, seus personagens e narradores – como Dédalo construiu o labirinto em Creta, aprisionando o próprio leitor na trama do livro. É necessária uma leitura atenta para conectar os fatos, as escritas, as identidades e os personagens, a fim de

¹ As cartas de Manoel Perna se encontram em itálico na narrativa. Optamos por apresentar, nesta dissertação, conforme está no texto original. A partir de agora, todos os trechos em itálico dizem respeito aos trechos retirados das cartas de Manoel Perna.

² Tradução livre da página 89 de FOUCAULT, Michel. *The Metamorphosis and the Labyrinth*. In: _____. *Death and the labyrinth: the world of Raymond Roussel*. Trowbridge: Continuum, 2004, p. 77-98.

encontrar um eixo comum, mesmo que sejam suposições posteriores à leitura, pois a narrativa deixa muitas portas abertas para interpretação, e fecha outras.

O autor, Bernardo Carvalho, iniciou sua escrita ficcional na década de 1990. Sua primeira obra literária é uma coletânea de contos chamada *Aberração* (1993), publicada pela Companhia das Letras. Segundo Manoel da Costa Pinto, “Bernardo Carvalho é o escritor das identidades instáveis, dos enredos que se dobram em si mesmos, dos personagens que se desmentem e dos narradores que se alternam em relatos dentro de relatos.” (COSTA PINTO, 2004, p. 133). A narrativa de Carvalho, em *Nove Noites*, além de conter as características citadas por Costa Pinto, convida o leitor a participar da história logo nas primeiras palavras do romance: “*Isto é para quando você vier.*” (CARVALHO, 2006, p. 06). Nesse ponto, a interação acontece, e o leitor torna-se cúmplice da narrativa, pois “ele” veio e começou a ler o que lhe era destinado.

Carvalho segue a tendência contemporânea de questionamento da funcionalidade da literatura, interpelando indiretamente para que serve e para que vale a literatura. Tendo em vista que muitos a veem como documento histórico, geográfico ou sociológico, o autor parece perguntar: como usar a ficção para representar uma época ou sociedade? O autor, com sua escrita singular, abstrai de um fato a sua ficção, utilizando a realidade como plano de fundo para expor, em suas páginas, um romance sobre a criação de um romance, metaficção. A partir de dados da realidade, ele recria um mundo verossímil, mas fictício, no qual fatos e imaginação se misturam, ao ponto de não ser possível separá-los. Há, nisso, algo que representaria o início do século XXI? Sua escrita procura afirmar a inutilidade da literatura ou, pelo menos, coloca-a à prova. É uma narrativa mesclada que aglutina a escrita jornalística, midiática e literária, tecendo um novo paradigma para a literatura na era da informação imediata e interativa.

Nove Noite é uma obra premiada que já foi traduzida em diversas línguas e possui várias publicações no país. De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (2012), foram quatro reimpressões da primeira edição, uma reimpressão da segunda edição e uma edição de bolso com uma reimpressão, comprovando que, além de agradar a crítica, o público recebeu muito bem o romance no cenário atual do mercado literário altamente competitivo dos anos 2000. Neste trabalho, a proposta é uma análise mais detalhada da edição de bolso de 2006, considerando-se que foi a última edição do livro.

O livro chama a atenção desde o primeiro contato. Temos, na capa, o nome do autor escrito em caixa alta, no topo da página, deixando-o em destaque, seguido pelo título do livro, iniciado em maiúscula e grafado em itálico; as letras ocupam a metade da capa, e um desenho representando povos primitivos foi colocado no centro de um *dégradé* de retângulos, cores de terra para laranja, de fora para dentro. Em contraposição, na primeira edição, o nome do autor está abaixo do nome do romance, com a grafia bem menor. Inferimos que o mercado editorial está dando ênfase ao valor de mercado do nome do autor, pois a edição de bolso foi impressa após ele ganhar prêmios e indicações, sendo assim conhecido na mídia; conseqüentemente, é possível concluir que lhe atribuíram mais valor do que à sua obra. O que é um indicativo do nosso tempo pós-moderno, no qual vale mais o sujeito, a identidade por trás da obra do que propriamente a obra em si.

Os recursos gráficos presentes na capa do romance são comumente usados na edição de textos por computadores; sua cor de terra e os povos primitivos, centralizados, causam um interesse no leitor contemporâneo, aficionado por novidades e releituras de um passado recente. O leitor é levado a crer que lerá sobre índios, e que a escrita terá características etnológicas, já que, na antecapa, encontramos um resumo do livro, pelo qual conhecemos o personagem Buell Quain, antropólogo, que viveu com índios brasileiros na década de 1930. Esse resumo está também centralizado e justificado, sem espaço de parágrafo. Já na primeira linha, encontramos dados do autor, suas premiações; acima de tudo, encontra-se a aproximação do romance à realidade, ao se destacar, no terceiro parágrafo: “[...] *Nove noites* mistura fatos da vida do antropólogo norte-americano [...]”. O resumo traz pistas falsas sobre o conteúdo do livro, pois, como citado acima, temos informações sobre o antropólogo, sua estadia no Brasil e sua morte: “[...] viveu entre os índios Krahô, no Tocantins, e se matou em 1939, aos 27 anos [...]”. O leitor é conduzido a acreditar que irá encontrar a voz de Buell Quain, pois o resumo nos informa que a “[...] história está dividida em dois tempos – há o relato da vivência de Quain entre os índios; e a investigação do narrador, em busca de pistas que expliquem a morte do antropólogo [...]”. Contudo, não nos é revelada a existência de um narrador sertanejo, Manoel Perna. O leitor não terá contato com o antropólogo; ele saberá da sua vida através das cartas de Manoel Perna, estas cartas são consideradas “relato da vivência” no trecho citado acima, e da pesquisa jornalística

empreendida pelo narrador. O leitor não conhecerá diretamente Buell Quain, pois, apesar de ter cartas escritas no romance, o norte-americano não tem voz na narrativa. Finalizando o resumo, mais uma pista falsa é entregue: “Por meio da história de Buell Quain, Bernardo Carvalho revela as contradições e os desejos de um homem sozinho numa terra estranha, confrontado com os seus próprios limites e com a alteridade mais absoluta”. O leitor fica esperando, com essas informações, um esclarecimento sobre a vida de Buell Quain, pois o autor dá indícios de revelar o que houve em sua passagem pelo Brasil; porém, o que há são contradições na narrativa; ao fim do livro, nada concreto sobre Buell Quain será revelado. Ficamos suspensos, na dúvida do que houve e de como aconteceu tudo, da sua chegada ao Brasil ao suicídio, que será narrado logo na primeira página do romance.

Ao iniciar a leitura do romance, mais uma vez, os recursos tecnológicos estão visíveis na narrativa. As páginas do livro encontram-se recheadas de palavras; quase não há espaços vazios; as linhas estão justificadas como nos editores de texto eletrônicos; e há muitos sinais de separação gráfica das palavras, sugerindo que foi feita uma adaptação para que as páginas ficassem padronizadas – aproximadamente, 01 cm por 1,5 cm de recuo. Entre as palavras do livro, encontram-se fotos retiradas de arquivos de Buell Quain e de pessoas da época na qual o antropólogo americano esteve no Brasil. As imagens ajudam a compor o romance, pois as descrições físicas de Buell Quain não são detalhadas:

“Não tinha nada de especial. Ele era moço, bastante moço”. Gordo ou magro? “Gordo ele não era, de jeito nenhum. Nem muito magro. Era uma pessoa de aspecto comum, digamos.” Louro ou moreno? “Não era louro claro, não. Era mais para o moreno. Não tinha nenhuma marca especial.” (CARVALHO, 2006, p. 29).

Nesse fragmento, lemos que, através de negativas, o narrador apresenta características comuns do personagem. Difícil é imaginá-lo concretamente; criar a imagem de uma pessoa a partir desses relatos seria quase impossível, mas o autor coloca imagens, facilitando o narrar do jornalista e complementando o que a memória de Manoel Perna deixa de relatar. As memórias de Manoel Perna estão em forma de cartas, destinadas a alguém que não nos é revelado. Ele expõe o que sabe sobre Buell Quain e o que passaram juntos na cidade de Carolina, no estado brasileiro do Maranhão,

durante nove noites. Sua escrita é grafada em itálico, diferindo do outro narrador que, com sua grafia em tipo regular, faz pesquisas e também relata suas memórias.

A narrativa é dispersa no tempo e no espaço. O tempo é cortado a todo o momento. Fragmentos do passado intercalam-se com o presente, e dois narradores distintos auxiliam-se na tentativa de traçar a vida e a morte de Buell Quain. Contendo 19 fragmentos que lembram capítulos, a narrativa divide-se entre os narradores: 10 narrados pelo jornalista, no presente; e 09 narrados pelo sertanejo Manoel Perna, no passado. O narrador do passado, que conviveu com Buell Quain, sendo seu confidente e amigo, conta a sua experiência íntima com o suicida. O outro narrador, que a partir desse ponto será chamado de personagem-escritor, está no presente; faz pesquisas como jornalista, viaja atrás de fatos e fotos para tentar esclarecer o suicídio do antropólogo e narra a si mesmo durante sua busca de identificação do personagem Buell Quain.

Buell Quain, motivo das duas narrativas, esteve no Brasil na década de 1930 para fazer uma pesquisa etnográfica com os índios brasileiros. Sua vida é narrada ou pelo menos uma parte dela; e sabe-se algo de sua infância, adolescência e fase adulta ao ligar as duas narrativas. Seus anseios e desejos são expostos pelos narradores, deixando o leitor intrigado com a identidade de Buell Quain. Percebem-se, na narrativa, seus conflitos, como relatado pelos índios que estavam com o antropólogo no dia do suicídio, o que é recuperado pelo jornalista em sua pesquisa: “[...] o etnólogo não mostrava nenhum sintoma de doença física. A prostração era psicológica e já se prolongava por dias [...]” (CARVALHO, 2006, p. 20). Esse fragmento sugere que Buell Quain estava perturbado mentalmente. Há também a descrição da imagem do seu suicídio ao voltar para a civilização, depois de um período com os índios *Krahô*; o narrador Manoel Perna diz que, ao se lembrar das palavras de Buell Quain, lhe “[...] vem à cabeça a imagem do seu corpo enforcado, cortado com gilete no pescoço e nos braços, coberto de sangue, pendurado sobre uma poça de sangue [...]” (CARVALHO, 2006, p. 50, grifos do autor). Isso é possível porque ele morava próximo à aldeia que o antropólogo pesquisava, e os índios que acompanhavam Buell Quain foram direto para a casa de Manoel Perna falar do suicídio, apavorados, narra Manoel Perna. Na narrativa, há um labirinto de informações que não são facilmente digeridas; cabe ao leitor ligar as duas narrativas e tirar suas conclusões, pois o caso não é solucionado. No fim, o livro não nos revela nada do esperado pelo leitor interessado no motivo do suicídio.

II A proposta de pesquisa

Este trabalho busca apresentar, a partir de *Nove Noites*, as questões identitárias e seus dispositivos³, tendo como ponto de partida os sujeitos ficcionais e a narrativa. O romance de Carvalho é representante de uma nova literatura nacional; está inserido no cenário brasileiro do século XXI e ainda não possui uma fortuna crítica vasta. Busca-se identificar os personagens, os narradores, suas questões e seus estranhamentos.

No primeiro capítulo, é apresentada uma visão do mundo contemporâneo, seu desenvolvimento tecnológico, e suas possíveis consequências. É levantado um breve histórico da literatura brasileira e sua construção identitária, além de pincelar a literatura brasileira contemporânea.

No segundo capítulo, discute-se as questões de identidade numa perspectiva histórica e social. São apresentadas as questões levantadas por Stuart Hall sobre identidade, em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade* (2001), buscando traçar um histórico do estudo das questões identitárias até o fim do século XX. Em seguida, é discutida a visão de Anthony Giddens, em *Modernidade e Identidade* (2002), sobre identidade pessoal e estilo de vida. O autor apresenta as crises identitárias que o indivíduo vive no mundo contemporâneo desenvolvendo uma análise social bastante contundente sobre o comércio de identidades e suas possíveis consequências. Por último, é analisada a obra *Identidade* (2005), do sociólogo Zygmunt Bauman, que, segundo Benedetto Vecchi, “[...] não é como outros sociólogos ou ‘cientistas sociais’”. Suas reflexões são um trabalho em desenvolvimento, ele nunca se contenta em definir ou ‘conceitualizar’ um acontecimento, em vez disso ele procura estabelecer conexões com fenômenos sociais [...]” (VECCHI, 2005, p. 7-8). Assim, Bauman apresenta a questão da identidade conectada ao modo de vida contemporâneo, num mundo de transformação constante, dominado pela mídia e pelo comércio. Segundo Bauman, o sujeito que vive nesse mundo líquido se vê perdido diante de tantas escolhas e frustrações, pois os modos de vida vendidos não estão acessíveis a todos.

O terceiro capítulo busca analisar o romance *Nove noites* e a dificuldade de atestar as identidades dos sujeitos na pós-modernidade, sua fluidez no capitalismo tardio

³ O conceito de dispositivo e dispositivo identitário será discutido na página 25.

e a diversidade de escolhas. Os dispositivos identitários expostos na narrativa apontam para inúmeras possibilidades de interpretação dos sujeitos; seus labirintos de informações fazem com que o leitor se perca durante a leitura e se questione sobre a função da literatura. Atentamos para o fato de que a narrativa pós-moderna consome e transforma a narrativa tradicional, dando vida e atualidade à mesma. O personagem-narrador se dobra e se transforma em dois. Assim, os narradores do romance se alternam com narrativas duvidosas e fragmentadas. Eles não facilitam a compreensão do enredo; dessa maneira, cabe ao leitor ligar os fatos para ter uma história coerente; por fim, ele deve imaginar a solução do caso. A partir desses pressupostos, é feita uma análise da obra sob a perspectiva das questões de identidade e da narrativa pós-moderna.

Nossa conclusão é de que o romance de Bernardo Carvalho está menos interessado em apontar a existência de identidades do que em discutir quais modos de identificação existem no mundo contemporâneo e o quanto a literatura pode se valer desse labirinto identitário para poder se construir, alterar-se e continuar a povoar o imaginário dos seus leitores.

CAPÍTULO 1
UM INSTANTÂNEO

1.1 O mundo

O ser humano, hoje, encontra-se em um mundo interligado, no qual os meios de comunicação, um dos principais meios de ligação entre as pessoas, estão evoluindo tecnologicamente em frações de segundos. Um aparelho eletrônico/tecnológico é lançado a todo o momento, produzindo a acessibilidade, a facilidade comunicativa e a troca de informação, afirmando o consumismo crescente do capitalismo atual. Nunca na história da humanidade houve tanto acesso às informações, porém estas ficam restritas àqueles que detêm o poder de alguma forma. Atualmente, nesse avanço tecnológico, a memória das pessoas está sendo armazenada eletronicamente – seus diários, suas agendas, suas fotos, seus documentos, seus filmes, suas músicas etc. –, podendo acessá-la e compartilhá-la quando e onde quiserem. Essa memória eletrônica, analisada por Andreas Huyssen, em seu trabalho *Seduzidos pela Memória*, publicado em 2000, entra no discurso acadêmico do ocidente depois de 1960, apontando “diretamente para a presente recodificação do passado, que se iniciou depois do modernismo” (HUYSSSEN, 2000, p. 10). Releituras e memórias inventadas, segundo Huyssen, passam a ser comercializadas, gerando o que ele chama de “excesso de memória”, quebrando a fronteira do local, do regional, do nacional e do global. Os velhos documentos de papel, registros da memória, estão sendo digitalizados e armazenados em dispositivos do ciberespaço, assim como os documentos modernos. Um dos problemas nesse caso é a incerteza de por quanto tempo todo esse amontoado de informações existirá e manterá uma lógica temporal e espacial. No caso de um colapso desses dispositivos, as informações estarão perdidas; além de que, com o passar dos anos, as tecnologias ficam ultrapassadas e, segundo Huyssen, serão necessários “arqueólogos de dados” para a recuperação e a organização dos arquivos, como no caso de gravações eletrônicas da “[...] antiga República Democrática da Alemanha, um mundo que desapareceu junto com seus computadores de grande porte [...]”, gerando uma dificuldade quase insuperável de decodificação e organização dos dados (HUYSSSEN, 2000, p. 33).

Nesse mundo eletrônico, as mídias entram na vida das pessoas com mais facilidade, e as influenciam em suas escolhas. Sabe-se “[...] que a mídia não transporta a memória pública inocentemente; ela a condiciona na sua própria estrutura e forma”

(HUYSSSEN, 2000, p. 22-23). A ideia do escritor é de que a sociedade midiaticizada encontra-se dominada pelo poder do capitalismo tardio, em um híbrido entre o local e o global. Hibridismo esse que é utilizado por Bernardo Carvalho nas páginas de seu livro, levando a uma questão maior sobre a estrutura do romance contemporâneo, suas tendências, e possíveis classificações. Cada vez mais, é enfatizada a cultura local, muitas vezes produzida artificialmente para fins de turismo, visando ao lucro; ao mesmo tempo, a civilização pós-moderna vive o que o mercado oferece em massa, gerando uma espécie de cultura global, como as redes sociais e as grandes marcas que se encontram espalhadas pelo globo.

Hoje, os amigos e os conhecidos são chamados de “contatos”, os quais compartilham suas particularidades, seus atos diários, sentimentos e pensamentos, criando vínculos, por afinidades, e grupos, a partir de interesses em comum, produzindo novas identidades e validando outras. Segundo Zigmunt Bauman, esse tipo de relacionamento tem efeitos negativos na vida das pessoas, gerando um sentimento de falta; isto porque a vida conectada e virtual nas redes sociais e nos celulares cria a sensação de contato contínuo, mas, na verdade, se sente “[...] dolorosamente a falta das redes seguras que as verdadeiras redes de parentesco, amizade e irmandade [...] costumavam oferecer de maneira trivial [...]” (BAUMAN, 2005, p. 100-101). A vida virtual é veloz; os laços são rapidamente feitos e desfeitos; e a memória é construída em conjunto e, muitas vezes, não vivenciada, levando ao esquecimento com mais facilidade, como afirma Huyssen (2000).

A aldeia global torna-se cada vez menor, como visto no romance *Nove Noites*, no qual o personagem Buell Quain pôde movimentar-se entre vários pontos do planeta, ainda no início do século XX, por meio de navio, na maioria das viagens. Já no século XXI, o personagem-escritor jornalista não se dá ao trabalho de comentar sobre os limites territoriais; é tão corriqueiro ir aonde quiser, se a pessoa tiver dinheiro suficiente para o transporte, que, durante o romance, ele faz toda a sua pesquisa tendo de se articular de um lugar para outro sem enfrentar dificuldades, como, por exemplo, o interior do Brasil, na tribo *Krahô*, e nos Estados Unidos, em Nova York. Os pontos, que antes eram distantes, juntam-se com maior facilidade e rapidez para os que têm condições financeiras favoráveis para tal. O avião, meio de transporte veloz e seguro, tornou-se um dos principais motores para diminuir a distância entre os lugares no

planeta; o número de passageiros vem crescendo progressivamente, e o preço das passagens aéreas ficam cada vez mais acessíveis. Paula Alzugaray (2012), em matéria para a revista *Select*, afirma que, no “[...] biênio 2009-2010, a demanda subiu de 128 milhões para 154 milhões. A projeção aponta um movimento de 225,9 milhões de passageiros em 2014”. A autora explica que “[...] a mobilidade é um padrão irrefreável da vida contemporânea e a condição universal do cidadão do mundo, aeroportos hoje equivalem a novas metrópoles” (ALZUGARAY, 2012, p. 52-53). Esses aspectos de mobilidade do mundo contemporâneo, seja por aviões ou pela rede de computadores, proporcionam à “nova elite global” encontros com “outros membros [dessa] mesma elite global, que falam a mesma língua e se preocupam com as mesmas coisas” (BAUMAN, 2005, p. 102). Sendo assim, os membros dessa nova elite declaram uma indiferença pelos estilos de vida e pelos valores do outro; o que vale é o seu bem-estar. Bauman, primorosamente, cria a suposta fala dessa elite: “vamos tratar o mundo como uma gigantesca loja de departamentos com prateleiras cheias das mais variáveis ofertas, e vamos ficar livres para vagar de um andar para o outro, experimentando e testando cada artigo à mostra, escolhendo-os segundo nossa vontade.” (BAUMAN, 2005, p. 103).

A vida urbana cresceu ao ponto de entrar em um tipo de colapso. As cidades, algumas delas, grandes metrópoles e megalópoles, estão abarrotadas de pessoas, de expectativas, de ansiedades, de comércio e de tecnologias. O narrador Manoel Perna diz que Buell Quain contou-lhe: “[...] dos portos que visitou, do que viu pelo mundo, sempre um pouco mais além numa busca sem fim e circular.” (CARVALHO, 2006, p. 37). Essa passagem do romance, mesmo que representando os anos 1930 do século XX, comprova um dos aspectos dessa vida urbana atual: a busca por algo que não se nomeia, talvez, o prazer, a falta de algo, a felicidade e a insatisfação, fazendo com que o sujeito viva num mal-estar constante. É provável que esse mal-estar já afetasse o antropólogo Buell Quain no início do século XX, levando-o a estudar civilizações tribais, para, quem sabe, encontrar esse algo que lhe fazia falta. Bauman explica que os “[...] mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.” (BAUMAN, 1998, p. 10). A liberdade dada aos sujeitos pós-modernos cria uma espécie de insegurança; na confusão de mil opções,

o sujeito fica inerte, deixando de escolher e aceitando o que lhe é imposto para evitar possíveis conflitos, internos e externos.

As distâncias, hoje, são mais identitárias do que físicas, em um processo de escolha e de descarte, a pessoa escolhe aquilo em que acredita para se sentir satisfeita. A melhor roupa, o aparelho mais inovador e os pratos internacionais oferecidos nos centros urbanos criam a ilusão de diferenciação entre essas pessoas. O sujeito contemporâneo é o que consome – se não consome, está à margem; sua herança genética já não o define; se é que já o definiu algum dia realmente. Ele é bombardeado por informações e por escolhas desde a sua formação, transformando-se em um cidadão do mundo que fala várias línguas e que conhece todos os lugares, mesmo que virtualmente. As fronteiras parecem se apagar; as pessoas transitam pelos territórios com permissões dadas pelos estados e sem permissão oficial, usando os aparelhos eletrônicos. Os estados nacionais buscam imprimir seus limites territoriais, fazendo propaganda dos seus paraísos para atrair investidores e turistas; e procuram globalizar suas culturas, enquanto o local é incentivado a preservar sua memória tingida de interferências estrangeiras e chamada de tradição popular, sendo mais uma peça à venda no mercado do turismo.

Neste agora pequeno mundo capitalista, a disputa pelo poder está mais presente do que nunca. Esse poder, como o “[...] conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado” (FOUCAULT, 1988, p. 88), antes disciplinador, transforma e ramifica-se em diversos mecanismos de controle, como o comércio e a mídia, que ditam as novas regras de ascensão social. Um estado nacional absolutista não tem mais espaço no mundo contemporâneo. As ditaduras e os regimes totalitários estão sendo confrontados pelo povo e pelos outros estados. Os cidadãos acreditam influenciar mais as decisões nacionais por meio de comunidades locais e virtuais, pois conseguem articular com mais precisão os protestos e as reivindicações. O poder do estado não domina mais totalmente seus civis; e, no século XXI, cresce um novo tipo de poder, o de “agradar a massa populacional”. Visíveis são os conflitos em 2011/2012 entre a população e os estados autoritários na chamada “Primavera Árabe”. Manifestações no Brasil inteiro contra a corrupção, contra o aumento das passagens de ônibus, pelas melhorias na infraestrutura, contra a Copa do Mundo etc. Com os acessos a informações culturais e comerciais dos chamados países

neoliberais, os sujeitos exigem direitos, melhores condições de vida e liberdade de escolha. Os dominados não querem mais assumir esse papel, negando o poder dominador do estado e, conseqüentemente, passando a vez para outras formas de poder. A questão é poder escolher o que o mercado globalizado pode oferecer – religiões, produtos, alimentos e lazer.

Com esse poder descentralizado, grupos se forjam a partir de ideais e de dispositivos, constituindo novas identidades e lutando pelo poder das mesmas. Não é novidade esse aspecto, pois desde sempre as pessoas se reúnem e atestam suas prioridades, seus direitos e seus deveres em dispositivos institucionalizados – impérios civilizatórios, monarquias, feudos, oficinas de artesãos e tribos são exemplos de grupos identitários historicamente comprovados. A grande diferença é que, hoje, o sujeito encontra uma vasta ramificação de grupos nos quais se encaixa. O sujeito desse tempo imediatista se vê perdido em meio a tanta diversidade cultural e identitária. Ele se vê pluri-identitário. Comparando-o com a era do Iluminismo, século XVIII, o sujeito pós-moderno carrega muitos indícios de identidades em si; não há mais uma identidade pré-fabricada, conforme apontado por Stuart Hall ao definir o sujeito do Iluminismo: “[...] concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, [...] cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda permanecendo essencialmente o mesmo [...]” (HALL, 2001, p. 10-11). O sujeito contemporâneo fragmentou-se, e é composto por várias identidades, afirma Hall, sendo que, algumas vezes, essas identidades podem ser contraditórias. Podem ser professores, mulheres/homens, gays e negros, ao mesmo tempo. A partir desse exemplo, Hall apresenta uma questão interessante: o indivíduo negro luta pela raça, enquanto a mulher negra se divide em questões de raça e de gênero. Isso demonstra o quanto a questão identitária é complexa, pois envolve, no mundo contemporâneo, fatores como comunicação, globalização, memória e poder.

1.2 Literatura brasileira e identidade

A semana da arte moderna, em meados do século XX, trouxe abertura para fundamentar a identidade nacional tão idealizada pelos românticos. Novos moldes de arte foram criados; a liberdade do escritor, propagandeada; e o modelo europeu, questionado, confrontado e modificado. João Luiz Lafetá atesta que o projeto estético do Modernismo deu-se por meio da “[...] renovação dos meios [e], ruptura da linguagem tradicional [...]”, enquanto que o projeto ideológico teve apelo à “[...] consciência do país, desejo e busca de uma expressão artística nacional, caráter de classe de suas atitudes e produções.” (LAFETÁ, 2000, p. 21). Assim, a literatura e a arte modernista foram divulgadas através de revistas, apresentações e exposições, criando uma estrutura diferente no corpo do texto, acrescentando recortes, fragmentando a estrutura e modificando a estética da arte. Ideologicamente, o modernista buscava liberdade de expressão e afirmação da cena brasileira, além de reescrever o passado à sua forma. Esse novo *start*⁴ funcionou como uma pedra em um lago; suas ondas cresceram e atingiram nossos dias, décadas depois, com força transformadora. A ideia de rompimento com o tradicional, iniciada no período modernista, gera a diferenciação entre a literatura clássica, com modelos pré-estabelecidos, e a literatura contemporânea, sem critérios delimitados, levando à questão da identidade.

Segundo Antonio Candido, o romantismo brasileiro, “do ponto de vista da história literária [...] é um momento de produção geralmente medíocre, caracterizado pela mistura de Arcadismo sobrevivente com traços que no futuro seriam considerados precursores.” (CANDIDO, 2002, p. 16). Com esse início medíocre, ainda segundo o autor, a literatura começa a tomar forma própria, e algumas características pensadas como brasileiras vão sendo acrescentadas ao modelo europeu, como a natureza exuberante e variada tão cantada pelos viajantes europeus dos séculos XVI, XVII e XVIII: “Então, o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à

⁴ Escolho usar esta palavra ao invés de outra semelhante em português porque me achei impossibilitado de traduzir a ideia do *start* – começo de uma coisa e continuidade da ação, levando ao desenvolvimento do que foi inicializado – em uma só palavra dicionarizada.

expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo, e portanto a identidade, em oposição à Metrópole.” (CANDIDO, 2002, p. 20). Nesse momento, a identidade brasileira busca ser fundamentada e atestada. As origens são reforçadas; os povos considerados primitivos, pelo modo eurocentrado de olhar, ganham espaço de destaque, como na produção de José de Alencar. Esses povos recebem traços favoráveis à beleza de uma nação e, assim, a primeira imagem de uma identidade brasileira é forjada, buscando “[...] superar a influência portuguesa” (CANDIDO, 2006, p. 119).

A literatura nacional segue o seu ritmo de mudanças sutis até chegar ao século XX, no qual se teve uma tentativa de emancipação representada por uma rebeldia, até mesmo contra a própria literatura nacional. Antonio Candido assinala que “[...] a literatura brasileira do século XX se divide quase naturalmente em três etapas” (CANDIDO, 2006, p. 120). Essa divisão é feita em agrupamentos de anos, da década de 1900 a 1922, representando a primeira fase, tendo a Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) como ponto crítico dessa fase e como início da próxima, que se limita pedagogicamente a 1945. Candido ressalta que essa semana foi “[...] o catalizador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensino, na música, nas artes plásticas.” (CANDIDO, 2006, p. 125). A terceira fase inicia-se em 1945, seguindo sem data exata para o seu término. Sendo que Antonio Candido escreveu sobre as fases do modernismo brasileiro em 1965 e, sob sua perspectiva, estaríamos ainda vivendo a terceira fase do Modernismo. Porém, há controvérsia sobre esse novo período a partir de 1945; os críticos se perguntam: em qual momento termina a terceira fase e o que veio após ela? Alguns apostam que, na década de 1970, se inicia um novo modo de escrever; outros identificam esse novo modo, com data indefinida, de pós-modernismo⁵.

Leyla Perrone-Moisés explica que o “[...] conceito de pós-modernidade [...] é um conceito frágil, impreciso, paradoxal [...]” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 170).

⁵ O termo pós-modernidade é usado por Hall, Bauman e Giddens para designar o estado atual do mundo contemporâneo, tendo como contraponto a modernidade. A modernidade é identificada como a era do desenvolvimento progressivo da humanidade, como o Capitalismo, a Revolução Industrial, e o Iluminismo. Giddens prefere chamar essa nova fase da modernidade como modernidade tardia ou alta modernidade, e Bauman usa o termo modernidade líquida, com muita frequência, para expressar uma realidade ambígua, multiforme, onde tudo está em movimento e constante mudança no mundo atual.

Como afirma Perrone-Moisés, os conceitos de pós-modernidade variam de autor para autor, e a definição do termo “[...] se faz, quase sempre, pela forma negativa, a partir de um feixe de traços filosóficos ou estilísticos opostos aos modernos.” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 182-183). Essa forma de negação será bastante usada neste trabalho. Com esse emaranhado de informações indefinidas sobre esse período literário, a autora cita alguns traços da literatura contemporânea de maneira geral, sem se apegar ao país ou ao escritor, são eles: “[...] heterogeneidade, diferença, fragmentação, indeterminação, relativismo, desconfiança dos discursos universais, dos metarrelatos totalizantes (identificados com ‘totalitários’), abandono das utopias artísticas e políticas.” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 183). O romance estudado aqui traz a maior parte desses aspectos, se não todos. Os personagens são fragmentadas; aos poucos, vamos conhecendo-as e desconhecendo-as, pois algumas características se contradizem, como será exposto mais à frente, no Capítulo 2. Há a mistura de gêneros literários e a metaficção, na qual um personagem-narrador cria seu personagem, que narrará cartas que, além de serem memórias próprias, acabam narrando a vida do outro. Esse outro será um estrangeiro com identidade desconhecida que, aos poucos, será revelada; mas, mesmo após a revelação de suas identidades, não conseguiremos defini-lo.

O que parece ter ocorrido é que, de uma literatura que pleiteava uma identidade nacional no romantismo, a literatura brasileira passa pelo Modernismo ainda discutindo e tentando se consolidar dentro de um discurso de nacionalidade; sendo que, a partir de 1945, se dilui em várias vertentes. Desse modo, a tendência nacionalizante ganha mais espaço e tem-se uma literatura mais estética, como pode ser visto na poesia concreta de 1956, assim como na literatura produzida na década de 1970, que se encaminha, ao mesmo tempo, para a crítica da ditadura militar, ou nas inúmeras metáforas e na linguagem cifrada, com as quais a literatura, antes de afirmar uma identidade, pleiteia a liberdade de criação em suas mais variadas formas. Nos anos de 1980, veremos surgir uma literatura interessada em descrever a realidade brasileira, mas sem, com isso, querer ser considerada a única existente no país, ou apenas aquela que é feita com a chancela de brasilidade. No século XXI, as fronteiras entre os gêneros diluem-se mais ainda e fica difícil classificar a literatura contemporânea. A Companhia das Letras, por exemplo, inicia, em meados dos anos 2000, uma coleção intitulada “Amores expressos”, na qual Bernardo Carvalho tem um título, *O filho da mãe*, cujo enredo,

mesmo sendo romance escrito por brasileiro, está deslocado por diversos países, como Austrália, Rússia, no caso do romance de Carvalho, e França, entre outros.

1.3 A literatura brasileira contemporânea

Karl Erik Schøllhammer, estudioso da literatura contemporânea, afirma que a literatura atual não tem traços definidos, e que os textos literários têm em comum, a “[...] sua heterogeneidade e falta de característica unificadora, a não ser pelo foco temático voltado para a sociedade e a cultura contemporâneas, ou para a história mais recente tomada como cenário e contexto” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 35). Tudo está em transformação com velocidade de megabytes por segundos. A comunicação midiática transformou a maneira de ver a vida, de ver o mundo e a si mesma. A literatura escrita em livros começa a ficar em outro plano, pois a literatura virtual, surgida com a popularização da internet, está em crescente ascensão. Muitos escritores iniciam sua carreira em *blogs* para, só depois, terem seus livros publicados, como é o caso de Ana Maria Gonçalves, João Paulo Cuenca e Clara Averbuck, entre outros, afirma Schøllhammer. Dessa maneira, a interação midiática domina a cultura, e os escritores usam “[...] essas novas plataformas de visibilidade da escrita [...]” como forma de divulgar seus textos em um espaço democrático, “[...] e foram criadas condições para um debate mais imediato em torno de novas propostas de escrita.” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 13).

Dentro da cena literária brasileira contemporânea, *Nove Noites*, de Bernardo Carvalho, se destaca pela inventividade e pela aglutinação de formas de representar, assim como outros romances contemporâneos. A proposta do romance parece ser a de rever a literatura indianista, memorialista e sertaneja dentro de um cenário urbano e contemporâneo; esse aspecto é recorrente na literatura do século XX. A história do Brasil é revisitada e repaginada. O homem conflituoso urbano, em cidades tumultuadas, assume o centro das tramas. A identidade desse homem é posta à prova, e suas convicções transformam-se a cada situação narrada em sua trajetória. O sujeito fragmentado contamina as narrativas; estas, mais do que nunca, fragmentadas com seus

isolamentos e suas contradições; com seu ponto de vista particular e com suas experiências singulares.

A literatura pós-moderna encontra um mercado ávido por novidades, pela vida alheia. O mercado, comumente, direciona o fluxo da literatura, e, ser escritor, desde muito tempo, tornou-se profissão. Os autores, dentro de uma ótica mercadológica querem agradar a massa consumidora, seguem tendências e as criam de modo diversificado. É um jogo de criação e de descarte, no qual permanece o que é vendável, premiável e consumível. O mercado de consumo atrai as multidões com suas invenções; consequentemente, a literatura tradicional, como a literatura escrita até o Modernismo, vai ficando esquecida em suas páginas brancas com letras negras, visitadas por um grupo seleto de leitores exigentes ou estudiosos. A cobrança do mercado leva, em parte, a esta transformação aglutinadora da literatura – sobre a qual comentamos acima. Por fim, os consumidores mudaram e se tornaram parte da narrativa; eles querem interação, poder escolher e modificar os conteúdos – personalizar sua experiência literária.

Capítulo 2

IDENTIDADES (I)MÓVEIS

2.1 Os sujeitos representados no romance

A literatura tradicional, com base no século XIX, de maneira geral, narra, num romance, a trajetória de um sujeito ou de vários em uma ordem lógica dos fatos, trazendo informações para se compreender a história narrada. Em *Nove Noites*, a narrativa labiríntica apresenta dados dos sujeitos para que o leitor desvende o jogo de significados lançado pelos narradores, a fim de chegar a uma conclusão sobre o suicídio do antropólogo norte-americano Buell Quain – o que parece ser o motivo principal do livro. A narrativa divide-se em dois momentos: em um, vemos uma pesquisa jornalística que, por sua vez, leva o personagem-escritor a construir uma narrativa ficcional sobre o personagem Buell Quain; o outro momento contém as cartas, ou a carta do narrador Manoel Perna, na qual ele conta suas lembranças sobre o personagem Buell Quain. A ambivalência do romance pode ser observada em todo momento na narrativa, como podemos comprovar pela presença de dois narradores ou pelas duas fotos de Buell Quain na página 23, uma de perfil e outra de frente, sugerindo as várias maneiras de interpretar o sujeito ou os vários pontos de vista dos narradores. As narrativas se cruzam, fragmentando-se – ora o narrador relata suas memórias, ora o personagem-escritor nos conduz em sua pesquisa – por temas que, muitas vezes, se completam e, em outros momentos, causam uma ambiguidade que incomoda o leitor, instigando-o e indefinindo as características pessoais de Buell Quain em um labirinto de identidades sobrepostas. As identidades dos sujeitos do romance não podem ser definidas linearmente, pois o jornalista que narra a sua trajetória de pesquisa, definindo a sua identidade profissional, conduz o leitor às suas visões para que ele se depare com um sujeito atormentado pelo seu passado, mantendo aceso um dispositivo identitário que pode dar inúmeras outras características à sua identidade pessoal, como será visto mais à frente.

O sertanejo Manoel Perna parece estar estático em seu lugar na narrativa, pois não há outros dispositivos que o retirem dessa identidade sertaneja; porém, ele agrupa outras características como engenheiro e responsável pelo posto indígena. O estrangeiro, figura mais intrigante, dispõe de uma variada gama identitária, por ser visto e analisado pela perspectiva do outro ou de outros. Mesmo contendo relatos pessoais em

cartas, Buell Quain é indecifrável, o que corrobora a alegação de que é a visão do outro e o seu próprio ponto de vista que constroem a identidade do sujeito. O personagem-escritor também se mostra multifacetado em sua busca por identificar-se com algo que nem ele sabe o que seja. Temos, assim, uma variação identitária relevante para a análise do romance.

2.2 Dispositivo identitário

Discutir o conceito de identidade vai muito além do jogo de significações do termo. Difícil seria permanecer com o discurso sobre identidade no singular, sendo que qualquer explicação pertinente acerca dessa questão levará a uma pluralidade de respostas, exemplos e definições, todas no plural. Sua definição, estabelecida pelo princípio cartesiano, foi questionada no início do século XX, levando a uma variedade de estudos que ainda se encontram em aberto.

Buscando compreender o emaranhado de identidades exposto na obra organizaremos as informações por meio de dispositivos identitários. Entende-se por dispositivo “[...] uma série de práticas e de mecanismos [...]” (AGAMBEN, 2005, p. 11) linguísticos e não linguísticos, como as instituições, as designações de grupos identitários e sociais, as ideias e os conceitos, os acessórios móveis, entre outros. Giorgio Agamben define dispositivo como um “[...] termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault [...]”; afirmando que o “[...] dispositivo em si é a rede que se estabelece entre esses elementos.” (AGAMBEN, 2005, p. 9). Os elementos citados por Agamben são as instituições – que podem ser religiosas, governamentais, acadêmicas –, as leis e os grupos de pessoas com interesses em comum, como mulheres, afrodescendentes, gays etc.

Segundo Michel Foucault, em *História da sexualidade* (1988), o dispositivo de sexualidade é uma invenção das sociedades ocidentais modernas instaladas a partir do século XVIII. Esse dispositivo se superpõe ao dispositivo de aliança, sem o pôr de lado, apesar de influenciar na redução da sua relevância. Isso é dito através dos seguintes argumentos apresentados pelo filósofo: “o dispositivo de sexualidade funciona de

acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturas de poder” (FOUCAULT, 1988, p.117), e há uma abrangência permanente de domínios e de formas de controle. Esse dispositivo toma como pertinente as sensações do corpo, os prazeres e as impressões, em oposição ao vínculo entre parceiros com papéis determinados (dispositivo de aliança). Para o filósofo francês, o corpo consome e produz através de inúmeras articulações, sendo esta a forma de se ligar à economia. Assim, o dispositivo da sexualidade cria um controle de população cada vez mais global, contrapondo-se à função de reprodução e enaltecendo a proliferação, a inovação, a anexação e a invenção.

Apesar dos pontos supracitados, Foucault reitera que o dispositivo de sexualidade não substitui o de aliança que, inclusive, foi utilizado para a instalação do primeiro, permitindo, através das famílias, o desenvolvimento dos principais elementos do dispositivo de sexualidade, a saber: corpo feminino, precocidade infantil, regulação dos nascimentos e especificação dos perversos.

Em resumo, o dispositivo da sexualidade veio, a partir do século XVII, desenvolvendo-se às margens das famílias, estranhamente perigoso e ameaçador para o dispositivo da aliança, porém centrando-se aos poucos. Os pais se tornam, a partir daí, agentes protagonistas desse dispositivo, apoiados exteriormente pela medicina, pela pedagogia e pela psiquiatria. Tal fato foi extremamente importante para se iniciar um abandono da repressão do sexo, principalmente enquanto motivos econômicos.

Desse modo, percebendo o quanto o dispositivo da sexualidade é um importante índice para o disciplinamento dos corpos, este trabalho utiliza o termo dispositivo familiar em Foucault para, a partir dos conceitos de identidade, a serem vistos mais à frente, propor o termo “dispositivo identitário” para representar a forma como o sujeito se identifica com as coisas que o cercam, além das identidades impostas, como a nacionalidade, por exemplo. Entendemos que o mundo contemporâneo, bem como o mundo moderno, está cheio de dispositivos identitários que ajudam a produzir a impressão de identidades fixas e estáveis. No entanto, como propusemos que a identidade não é estável e, provavelmente, nunca o foi, trabalhamos com a hipótese de esta ser uma construção, conforme se pode ver nos trabalhos de teóricos que analisaremos a seguir.

Para procurar entender a identidade, seus conceitos e suas questões, foi realizada uma breve análise de livros teóricos que abordam o assunto. Entre os autores

escolhidos, estão Stuart Hall, Anthony Giddens e Zygmunt Bauman. Os textos consultados têm uma linguagem e uma ordem próprias, sendo, assim, difícil de manter uma linearidade sobre o assunto; mas, mesmo assim, estão inseridos no corpo do texto em ordem cronológica de publicação desses autores no Brasil. Cada autor designa a pessoa humana de uma maneira – sujeito, indivíduo e pessoa –, assim como o mundo contemporâneo, ora chamado de pós-moderno, ora de modernidade tardia e modernidade líquida. Essas terminologias usadas para designar o mundo atual têm como referente a modernidade: “[...] o termo ‘modernidade’ [é empregado por Giddens] num sentido muito geral para referir-se às instituições e modos de comportamento estabelecidos pela primeira vez na Europa depois do feudalismo, mas que no século XX se tornaram mundiais em seu impacto.” (GIDDENS, 2002, p. 21). Por conseguinte, serão mantidas as nomenclaturas escolhidas pelos autores em cada um dos fragmentos destinados a comentar e a analisar os livros teóricos sobre a questão da identidade.

2.2.1 Discutindo a identidade segundo Stuart Hall

A produção de Stuart Hall, em especial, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2001), apresenta novos paradigmas para a questão da identidade. Ele aponta que as velhas identidades, como as conhecíamos a partir do homem centrado em si mesmo, estão dando espaço para novas identidades, mais fragmentárias e móveis. Ele argumenta que há uma crise de identidade no mundo contemporâneo.

Segundo Hall, o “[...] próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.” (HALL, 2001, p. 8). Isso quer dizer que não há fundamentação teórica concreta sobre esse campo movediço capaz de definir, em algumas palavras, o conceito de identidade, ou que há uma série de teorias, mas que nenhuma deve ser levada e aceita totalmente, pois o objeto do qual se acercam é bastante instável e movediço. Se o sujeito for interpelado sobre a sua identidade, haverá inúmeras respostas possíveis, dependendo do ambiente no qual ele está. Questões de gênero, de raça e de nacionalidade são as mais

frequentes para se identificar uma pessoa. Contudo, a discussão não se encerra nesses pontos. É necessário levar em conta sua profissão, suas escolhas, a visão de si e a visão do outro.

A crise de identidade apontada por Hall pode ser lida como uma mudança na maneira de viver do sujeito pós-moderno em relação aos seus antepassados. O mercado, a mobilidade e os meios de comunicação afetaram o centro da estabilidade pessoal que, antes, se acreditava existir. As identidades culturais nacionais se fragmentaram a ponto de existir o que é chamado de comunidade global, pois há, nesse ponto, uma falsa impressão de cultura global, fazendo com que as localidades tenham aspectos similares em vários pontos do globo. As mudanças aceleradas, presentes entre os séculos XX e XXI, estão “[...] fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.” (HALL, 2001, p. 9). Nessa perspectiva, a identidade é múltipla, pois, mesmo numa breve discussão, ela pode ser variada, sendo mais comum falar sobre identidades do que sobre identidade; isto porque cada um dos sujeitos terá muitas.

A identidade muda de acordo com o contexto no qual o sujeito se encontra. Outro aspecto da identidade é que ela liga o pessoal ao social; ela conecta o que o sujeito pensa de si com o que os outros veem. Além de que, através disso, o sujeito fica consciente de quem ele é pelo que as outras pessoas definem e categorizam. É também a maneira como o sujeito é marcadamente diferente de algumas pessoas e igual a outras; há ainda o modo como as identidades mudam em situações diferentes e através dos tempos.

As concepções de identidade apresentadas por Stuart Hall são de três tipos: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do Iluminismo, segundo Hall, concentrava-se na pessoa humana: “[...] totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior [...] permanecendo essencialmente o mesmo [...] ao longo da existência do indivíduo.” (HALL, 2001, p. 10-11). O sujeito sociológico contradizia o sujeito do Iluminismo, refletindo sobre como o sujeito é formado “[...] na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.” (HALL, 2001, p. 11). Já o

sujeito pós-moderno é este vivente do mundo contemporâneo que “[...] está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.” (HALL, 2001, p. 12). Além de que sua identidade não é fixa, essencial ou permanente, afirma Hall. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’.” (HALL, 2001, p. 13). As identidades desse sujeito são formadas e transformadas sempre que entra em contato com os sistemas que o rodeiam. Ela é construída historicamente, e não biologicamente. As relações de gênero, hoje, são bons exemplos para ilustrar esse traço da mudança. Ser masculino ou ser feminino, o que era a forma mais fixa de identidade, já não pode mais prender o sujeito em um conceito biológico, pois as mulheres estão cada vez mais liberadas a agirem como homens; aos homens, é relativamente permitido serem mais parecidos com as mulheres. O mercado de trabalho vem aceitando a mulher em lugares que, antes, somente os homens eram aceitos; além do que, é crescente o número de homens tomando a frente nos deveres de mãe, por exemplo. Outra questão relevante sobre o tema é a mudança de sexo, algo que só se torna possível, atualmente, com o grande avanço da ciência.

As sociedades modernas têm como signo a mudança, o crescimento da mobilidade e da comunicação; as culturas locais se conectam entre si e, constantemente, trocam informações. Esses aspectos da globalização, segundo Hall, são a primeira descentralização do sujeito e, conseqüentemente, das identidades, junto com outros aspectos do desenvolvimento humano, científico e tecnológico. O segundo descentramento do sujeito é a

[...] descoberta do inconsciente por Freud. A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o ‘penso, logo existo’, do sujeito de Descartes. (HALL, 2001, p. 36).

O terceiro descentramento do sujeito está associado ao trabalho do linguista Ferdinand de Saussure, que afirmou que a língua é um sistema arbitrário, social, e não individual. O sentido das palavras não é fixo: “O significado surge nas relações de similaridade e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. Nós sabemos o que é a ‘noite’ porque ela não é ‘dia’.” (HALL, 2001, p. 40).

Pode-se, então, fazer uma analogia entre língua e identidade, pois os dois termos precisam de um referente para ter significado além do seu valor intrínseco. O quarto descentramento do sujeito e da identidade estaria no trabalho de Michael Foucault: “Foucault destaca um novo tipo de poder, que ele [Foucault] chama de ‘poder disciplinador’, que se desdobra ao longo do século XIX, chegando ao seu desenvolvimento máximo no início do [...]” (HALL, 2001, p. 42) século XX. De acordo com Hall, Foucault argumenta que o poder disciplinador está interessado primeiramente na “[...] regulamentação, a vigilância, e o governo da espécie humana ou de populações inteiras, e em segundo lugar, do indivíduo e do corpo.” (HALL, 2001, p. 42). O poder disciplinador se ocupa de controlar a vida, o trabalho e as atividades do sujeito, “[...] assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e a sua vida familiar [...]” (HALL, 2001, p. 42), instituindo o poder dos regimes administrativos e os saberes fornecidos pelas Ciências, procurando produzir um indivíduo dócil e sociável.

Por fim, Hall destaca o último descentramento, o quinto; este adviria do movimento feminista:

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiam durante os anos sessenta [século XX] (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz [...] [entre outros]. (HALL, 2001, p. 44).

Esses movimentos, em especial o movimento feminista, tiveram posição especial no descentramento do sujeito cartesiano e sociológico. Com esse movimento, foram postos à prova a vida social, o mercado de trabalho e a família: “Aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero.” (HALL, 2001, p. 45-46).

Dentro desse emaranhado de transformações, encontra-se um mundo globalizado no qual as informações chegam rápidas e perturbam a verdade local, mudando a sua estrutura e buscando padronizá-la. Essa quebra das verdades estáveis do passado abre espaço para a criação de novas identidades, de novos sujeitos, descentrados, variáveis e móveis, sempre em processo.

Outro aspecto relevante analisado por Hall são as identidades culturais; entre as quais, vale-se salientar a identidade nacional. Pensa-se em identidade nacional como uma identidade impressa biologicamente, o que é um engano, sendo essa formada no interior da representação cultural de um estado-nação. Hall define nação como “[...] uma comunidade simbólica [...]” (HALL, 2001, p. 49) que gera um sentimento de pertencimento, de identidade e de lealdade no sujeito. Essas culturas nacionais são modernas, recentes, sendo formadas por transferência, o que antes era uma identificação tribal, religiosa e regional. As culturas nacionais podem ser lidas como o romantismo literário o fez, pois buscou imprimir um espaço geográfico unificado, uma língua nacional, tentando criar uma cultura homogênea e mantendo instituições culturais nacionais. Hall afirma ainda que esse processo de formação da cultura nacional é um dispositivo da modernidade; porém “[...] as identidades nacionais [que] foram uma vez centradas, coerentes e inteiras, [...] estão sendo agora deslocadas pelos processos da globalização.” (HALL, 2001, p. 50). Esses processos formam nações com culturas híbridas, cujas “[...] identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’.” (HALL, 2001, p. 69).

A globalização é pensada por Hall como processos que “[...] atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.” (HALL, 2001, p. 67). Esses processos não são recentes, são características da modernidade, assim como as identidades nacionais e culturais, que traduzem o desenvolvimento científico, tecnológico, político e social da humanidade. Entre os países cada vez mais aumenta o fluxo de informações e os laços econômicos e políticos, trazendo novas formas identitárias de olhar o outro.

Foi analisado, até aqui, o que Hall argumentou sobre o processo de formação de identidades dos sujeitos de uma maneira geral, dando ênfase aos dispositivos identitários da modernidade tardia, os quais levaram o sujeito a um deslocamento e a um desajuste em relação à identidade pessoal que se acreditava ter. Vimos também que a mobilidade, em larga escala, de pessoas, de bens de consumo e de capitais, através dos limites territoriais, em um nível global, levou a identidade nacional a se fragmentar e a estar em constante mudança.

2.2.2 Discutindo a identidade segundo Anthony Giddens

Os estudos de Stuart Hall introduzem a questão da identidade fazendo uma análise sob uma perspectiva histórica geral do sujeito. Os estudos de Anthony Giddens, em compensação, abordam os aspectos identitários que afetam o eu no mundo contemporâneo, no qual as identidades, em oposição às culturas pré-modernas⁶, não se referem mais a grupos fechados ou a identidades étnicas. Giddens observa que a modernidade está mudando, e que o mundo atual é o seu prolongamento; ele escolhe usar modernidade tardia/alta modernidade para expressar essa nova fase que é, para ele, nada mais do que um prolongamento da modernidade. Fase esta que, com os novos meios de comunicação, como a internet e os *smartphones*, aceleram o processo de globalização, no qual os atos de um indivíduo – termo usado por Giddens – passam a repercutir além da esfera local e atingem o global em pouco tempo, quebrando a barreira virtual antes existente entre espaço e tempo.

A questão de identidade para Giddens está relacionada com o eu, o seu bem-estar e a sua visão de si. Os pontos anteriormente citados sobre o mundo contemporâneo atingem o indivíduo em seu âmago e trazem consequências para a formulação/construção de suas identidades. Os grupos locais são afetados em todo momento por questões globais. Os meios de comunicação e as mídias em geral se desenvolveram ao ponto de terem transmissões instantâneas, expondo o indivíduo a novas informações que, segundo Giddens, podem levar à reformulação de suas identidades e das suas práticas sociais.

Giddens afirma que as questões de identidade sempre estiveram presentes, mesmo nas culturas pré-modernas; o diferencial é pensar o que as mudanças da modernidade tardia trazem para o ser humano que, cada vez mais, é pensado como indivíduo. Segundo Giddens, em “[...] certo sentido o ‘indivíduo’ não existia nas culturas tradicionais, e a individualidade não era prezada. Só com o surgimento das sociedades modernas [...]” (GIDDENS, 2002, p. 74), com a divisão do trabalho, com a implementação do capital e com o consumo de bens é que o ser humano ver-se-á como detentor de uma individualidade diversa, muitas vezes fugindo do padrão normativo, o

⁶ Giddens usa o termo “pré-moderno” para designar o período na história da humanidade anterior ao sistema feudal e às grandes navegações.

que o leva a refletir sobre o eu em relação ao outro. Giddens pensa sobre a autoidentidade⁷ e sobre a sua reflexividade trazendo questões sobre quem ser, o que fazer e como agir.

O eu é caracterizado por Giddens “[...] como um projeto reflexivo, pelo qual o indivíduo é responsável”. O autor afirma ainda que somos “[...] não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos” (GIDDENS, 2002, p. 74). Dessa maneira, o projeto reflexivo do eu passa a integrar não só a sua história biográfica, mas também a representação do que será no futuro. A ansiedade de prever os atos futuros, de planejar e de ter que cumprir prazos traz uma crise interna, perturbando e desajustando o indivíduo, o qual deve seguir normas instituídas por regimes governamentais. A reflexividade do eu persegue-o por toda a vida, fazendo-o examinar constantemente as suas práticas sociais, tendo como parâmetros as informações sobre essas práticas, levando-o a alterar o seu caráter; assim, a autoidentidade não para, está sempre em movimento reflexivo. O sujeito não cessa de se perguntar sobre o que está fazendo, se é o correto ou qual é a melhor maneira de fazê-lo.

Giddens reflete sobre a autorrealização do indivíduo, que implica no seu controle sobre o “[...] tempo pessoal que [tem] apenas conexões remotas com as ordens temporais exteriores (o mundo rotinizado do espaço-tempo governado pelo relógio e pelos padrões universais de medição)” (GIDDENS, 2002, p. 76). Esse controle e essa organização do tempo tornam-se peças-chave para projetar o futuro: “O futuro é pensado como cheio de possibilidades, mas não aberto ao livre jogo das contingências.” (GIDDENS, 2002, p. 76). Há limitações que impedem o sujeito de escolher livremente as possibilidades do futuro; o mercado exige escolhas que eliminaram outras possibilidades, além de o poder do capital de influenciar na limitação das escolhas e das possibilidades; assim, o sujeito precisa ordenar os processos de controle temporal para a satisfação pessoal e para a construção da narrativa coerente do eu.

Nesse sentido, o corpo toma um espaço relevante na análise de Giddens. O indivíduo é levado a pensar sobre o que vestir, sobre como se portar e sobre como se apresentar: “Experimentar o corpo é uma maneira de tornar coerente o eu como um todo integrado, uma maneira de o indivíduo dizer ‘é aqui que vivo’.” (GIDDENS, 2002, p.

⁷ O termo autoidentidade é definido por Giddens como “[...] o eu entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia.” (GIDDENS, 2002, p. 221).

76). Diversos aspectos do corpo são relevantes para o sujeito contemporâneo, dentre os quais o autor destaca a aparência, a postura e a sensualidade:

A aparência corporal diz respeito a todas as características da superfície do corpo, incluindo modos de vestir e de se enfeitar, que são visíveis pelo indivíduo e pelos outros. A postura determina como a aparência é usada pelo indivíduo dentro dos ambientes genéricos das atividades cotidianas; é como o corpo é mobilizado em relação às convenções constitutivas da vida diária. A sensualidade do corpo se refere ao manejo da disposição ao prazer ou à dor. (GIDDENS, 2002, p. 95).

Analisando as sociedades pré-modernas, a aparência era um espelho da identidade social do sujeito, mais do que a sua identidade pessoal. Atualmente, a roupa não pode delimitar mais a identidade social, sendo que há uma padronização no modo de vestir. Pode-se pensar, por exemplo, nos uniformes usados por determinados ramos do mercado ou nas exigências de vestimentas adequadas, regidas por normas sociais em alguns ambientes. O modo de vestir é influenciado por alguns dispositivos identitários, como grupos, mídia e capital, sendo que estes e outros fatores favorecem a padronização, até mais do que a diferença individual.

A postura é, segundo Giddens, “[...] fortemente influenciada pela pluralização de ambientes.” (GIDDENS, 2002, p. 96). O indivíduo precisa pensar sobre qual espaço ocupará para saber como se portar, de maneira a atender aos critérios pré-estabelecidos pelas normas de convivência e pelas regras sociais. Tanto a aparência quanto a postura não são definitivas no mundo pós-moderno; o indivíduo muda a todo o momento para se adaptar ao meio com o qual convive, além de se modificar para, de alguma maneira, ter realização pessoal, influenciada pelo contexto. Há, atualmente, uma indústria pesada em torno da “criação” do corpo, pois, cada vez mais, há pessoas frequentando academias, *spas*, clínicas de cirurgias estéticas etc. O cultivo do corpo parece ter se tornado um padrão de bem-estar, e os que não o seguem são excluídos.

Entre as escolhas possíveis da pós-modernidade, Giddens dá um *status* relevante ao estilo de vida. O autor argumenta que, “[...] nas condições da alta modernidade, não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-los – não temos escolha senão escolher.” (GIDDENS, 2002, p. 79). O autor acrescenta que um estilo de vida é a forma com a qual o indivíduo define a sua narrativa pessoal, construindo coerentemente a sua identidade, ligada às ações

cotidianas, como formas de comer e de se vestir, maneiras como agir e lugares onde frequentar. Porém os estilos de vida são mutáveis e altamente influenciados pela mídia, pelos grupos e pela sociedade. O indivíduo escolhe um estilo de vida mesmo não sabendo das possibilidades de outras escolhas, sendo delimitadas inclusive por condições socioeconômicas.

Os estilos de vida, se comparados com as sociedades pré-modernas, já não são determinados pelo nascimento; são fortemente ligados aos ambientes nos quais o indivíduo está inserido. Os ambientes possíveis são diversificados, e o indivíduo tem a capacidade de transitar entre eles, assumindo posturas diferentes em cada um, construindo um indivíduo fragmentado, como afirma Giddens. O indivíduo reflexivo fragmentado está constantemente em dúvida, pois as informações estão em constante reformulação, gerando um mal-estar na sua maneira de agir. Os problemas desse indivíduo assumem resoluções diferentes, dependendo dos locais, das instituições e das sociedades. Seguindo o raciocínio de Giddens, a mídia influencia as escolhas de várias maneiras. São apresentados vários ambientes, possibilidades e estilos de vida que, antes, não eram vistos pelo indivíduo; isso aumenta a semelhança entre o ambiente local e o global, como podemos ver no Oriente, atualmente, com inúmeras franquias multinacionais de *MacDonald's* ou com restaurantes chineses em várias esquinas das grandes cidades.

Giddens faz ainda uma análise sobre os sistemas abstratos que instituem uma segurança, mesmo que relativa, para a continuidade da vida rotinizada do indivíduo: “O dinheiro moderno é um sistema abstrato de extraordinária complexidade, importante ilustração de um sistema simbólico que conecta processos verdadeiramente globais às trivialidades mundanas da vida diária.” (GIDDENS, 2002, p. 126). A vida e o bem-estar estão girando em torno do dinheiro. É preciso possuí-lo para viver confortavelmente, para constituir um estilo de vida almejado e para pensar no futuro “próspero”, o qual só existe em função do capital e do seu acúmulo. Os indivíduos que, por razões históricas ou acasos no presente, se veem presos a um modo de viver, incapazes de transitar entre as possibilidades oferecidas pela modernidade tardia, em razão do dinheiro, vivem dilemas pessoais e sentimentos de impotência.

O autor cita os dilemas que interferem na identidade do indivíduo da modernidade tardia. São quatro dilemas destacados: “O primeiro dilema é o que opõe

unificação e fragmentação. A modernidade fragmenta; e também une.” (GIDDENS, 2002, p. 175). A unificação refere-se à coerência da narrativa pessoal, da construção da identidade em relação às mudanças contínuas do mundo globalizado. A fragmentação é entendida pelo autor como uma diversificação dos modos de vida e dos contextos nos quais os indivíduos estão inseridos. Ele propõe que a diversidade apresentada pelo mundo seja usada na construção coerente da identidade, tornando, os diversos “eus”, um só. O segundo dilema apontado por Giddens “[...] é o da impotência versus apropriação. [Neste aspecto] o indivíduo experimenta sentimentos de impotência em relação a um universo social amplo e alheio.” (GIDDENS, 2002, p. 177). Atualmente o indivíduo inserido no mundo globalizado tem as opções de se encaixar em diversas formas de vida, podendo interagir em inúmeros ambientes, e de ser diferenciado; contudo, essas características contemporâneas criam no sujeito o sentimento de impotência, por ter a escolha e por não poder alcançar o estilo de vida almejado. Diversos fatores auxiliam nessa impotência; o principal deles é o fator socioeconômico.

Na sequência, Giddens discorre sobre o terceiro dilema, o qual representa a autoridade *versus* a incerteza: “Nas condições da alta modernidade, em muitas áreas da vida social – inclusive a do eu – não há autoridades definitivas.” (GIDDENS, 2002, p. 180). O autor acresce que a tradição não tem mais o poder definitivo sobre o indivíduo, como nas sociedades pré-modernas. Este apresenta-se em uma multiplicidade de autoridades, sejam elas a religião, o governo ou a ciência, entre outras, sendo que as autoridades se inter-relacionam. Seguindo essa perspectiva, o sujeito já fragmentado se vê com várias opções incertas. Cada autoridade impõe um ponto de vista que, muitas vezes, se contradiz ou se opõe. Já o quarto dilema, segundo Giddens, “[...] é experiência personalizada *versus* experiência mercantilizada. A modernidade inaugura o projeto do eu, mas sob condições fortemente influenciadas pelos efeitos padronizados do capitalismo mercantil.” (GIDDENS, 2002, p. 182). Ou seja, os padrões de consumo são determinados pelo capital; atualmente, a propaganda influencia na formação da identidade e expõe o indivíduo a diversos estilos de vida que, nem sempre, são alcançados. A publicidade torna-se o ponto de partida ao estímulo e à divulgação de estilos de vida baseados no consumo, gerando o desconforto de produzir uma identidade a partir dos produtos que são usados. Além do mercado, os meios de comunicação, utilizando-se de diversos dispositivos, mostram aos seres humanos modos de vida de tal

maneira que o indivíduo aspira à exposição. Apesar de todo um grupo alienado, que não reflete sobre o modo de vida apresentado pelo mercado e pelos meios de comunicação, há pessoas que ainda escolhem quais informações receber, qual estilo de vida almejar, reagindo criativamente ao que é imposto pela mídia. A identidade fica, dessa maneira, condicionada às escolhas de produtos nas “vitrines”: “O consumo de bens sempre renovados torna-se em parte um substituto do desenvolvimento genuíno do eu [...]” (GIDDENS, 2002, p. 183), que parece acumular identidades pré-estabelecidas.

Em resumo, Giddens apresenta fatores que desalojam o indivíduo, construindo/formulando identidades fragmentadas a partir desses elementos. O modo de vida contemporâneo dita as normas de como viver bem e de como se relacionar com o outro. O ser humano pós-moderno é visto como indivíduo com a finalidade de estimular o mercado que produz e influencia o individualismo para poder vender produtos e estilos de vida. As autoridades instituídas pelos sistemas abstratos são causadoras de dúvidas nas escolhas e nos comportamentos, levando o indivíduo a se dividir entre diversos pontos de vista, dependendo do ambiente, da crença e do capital. As mídias oferecem informações renovadas, criando um mal-estar constante por não delimitar definitivamente a verdade sobre os fenômenos sociais e naturais, diferentemente das culturas pré-modernas. A identidade vista por Giddens é o aglomerado resultante dos processos impostos pela modernidade e, atualmente, pela modernidade tardia.

2.2.3 Discutindo a identidade segundo Zygmunt Bauman

Dos trabalhos de Zygmunt Bauman, foi escolhido *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* (2005) para esta introdução sobre identidade, as suas questões e as suas possíveis definições. Esse livro segue uma linha de produção diferente das entrevistas tradicionais: tanto o entrevistador – Benedetto Vecchi – quanto o entrevistado – Zygmunt Bauman – nunca se encontraram frente a frente. A entrevista ocorreu por meio de e-mails, um dos dispositivos mais usados atualmente para a troca de informações. Essa característica gerou uma estrutura peculiar ao livro, no qual as informações estão fragmentadas e os temas variam, além do proposto inicialmente pelo

entrevistador. Comentando sobre o assunto, Vecchi afirma, em sua introdução, que, na “[...] ausência da pressão do tempo e do face a face, nosso diálogo a longa distância foi caracterizado por muitas pausas para reflexão, pedidos de esclarecimento e pequenos desvios para assuntos que originalmente não pretendíamos abordar.” (VECCHI, 2005, p. 07). Assim, o resumo a seguir busca colocar as informações dispersas pelo livro de uma maneira lógica e coerente.

Zygmunt Bauman tem um lugar particular nesta análise, pois o pensador traz questões sobre identidade e relações pessoais no mundo pós anos 2000. Vale a pena ressaltar que o autor nasceu na Polônia, e teve de escapar para a União Soviética no início da Segunda Guerra Mundial, segundo Benedetto Vecchi, na introdução do livro-entrevista *Identidade*. Bauman retorna a Varsóvia alguns anos depois, ainda segundo o autor, e teve conflitos com as ideologias do Partido Comunista, saindo da Polônia no momento em que lhe foi negada a nacionalidade polonesa. Viajou pelo mundo construindo a sua carreira universitária até chegar à Grã-Bretanha, país que o acolheu como cidadão. Essas experiências modernas de deslocamento trouxeram fortes influências no trabalho de Bauman, levando-o a destacar as questões de identidade nacional e de pertencimento em seu discurso.

Bauman recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Charles, de Praga. Nessa ocasião, o sociólogo comenta que, segundo “[...] o antigo costume da Universidade [...] o hino nacional do país da pessoa que está recebendo o título [...] é tocado durante a cerimônia de outorga.” (BAUMAN, 2005, p. 15). O que fazer? Sua identidade polonesa foi negada e, mesmo naturalizado britânico, a Inglaterra não era o seu país de origem. Por fim, ele decide pelo hino europeu, comenta Bauman, que lhe dava um sonho de pertencimento. Essas questões ambivalentes da identidade, como o caso da identidade nacional, são as condutoras das análises de Bauman, que afirma que a decisão de tocar o hino europeu “[...] foi simultaneamente ‘includente’ e ‘excludente’.” (BAUMAN, 2005, p. 16), colocando em cheque sua alteridade, cultura e identidade, pois a identidade europeia englobava as duas identidades nacionais mencionadas anteriormente, mas também anulava as diferenças (étnicas, culturais, econômicas etc.) entre elas. Esse ponto de partida dos estudos de Bauman sobre identidade mostra a impossibilidade de se ter uma identidade fixa e inabalável, mesmo a identidade nacional que, por vezes, é a característica mais fixa de uma pessoa não

deveria ser negada ou abstraída, pois, em sua história pessoal, seu lugar de origem nunca será alterado. Contudo, Bauman teve sua identidade nacional negada. O que pensar sobre esse acontecimento? Como estabelecer um elo coerente entre as suas escolhas e suas identidades sem pensar no outro ou nas instituições que nos governam? Bauman acrescenta que as “[...] pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de ‘alcançar o impossível’[...]” (BAUMAN, 2005, p. 16), pois essas tarefas não podem “[...] ser realizadas no ‘tempo real’, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo [...]” (BAUMAN, 2005, p. 17). Ou seja, a pessoa construirá suas identidades, não fixas, que serão formadas e confirmadas com o passar do tempo, sendo que uma ou outra poderão ser alteradas, negadas ou reduzidas.

Bauman escreve que as comunidades são os referentes que definem as identidades, e que essas comunidades são de dois tipos: “[...] comunidades de vida e de destino [...]” (BAUMAN, 2005, p. 17). Nas comunidades de vida, os membros vivem juntos, ligados absolutamente. Ilustrando esse aspecto, temos as identidades nacionais. Nas comunidades de destino, os membros se ligam por ideias e princípios. Segundo Bauman, a “[...] questão da identidade só surge com a exposição a ‘comunidades’ da segunda categoria [-comunidades de destino] [...]” (BAUMAN, 2005, p. 17). Isso porque a pessoa vive em um mundo de diversidades, policultural, havendo, assim, “[...] mais de uma ideia para evocar e manter unida a ‘comunidade fundida por ideias’ a que é exposto [...]” (BAUMAN, 2005, p. 16). Observando esses aspectos, conclui-se que o pertencimento e a identidade não são sólidos nem garantidos, são negociáveis e revogáveis; o indivíduo se torna consciente “de que as decisões que [...] toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.” (BAUMAN, 2005, p. 17).

As questões da identidade vieram a Bauman a partir de março de 1968, quando o seu “[...] polonesismo foi publicamente posto em dúvida.” (BAUMAN, 2005, p. 18). Fato que o autor considera compartilhar com muitos “refugiados e migrantes que o [...] mundo em rápido processo de globalização produz em escala bastante acelerada.” (BAUMAN, 2005, p. 18). O mundo globalizado é definido por Bauman como modernidade líquida, pois tudo está em constante mudança e transformação. Bauman

acrescenta que “[...] o mundo [...] está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as [...] existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados.” (BAUMAN, 2005, p. 18-19). A fluidez do mundo atual afeta diretamente a pessoa humana em seu lar, interferindo em suas identidades. Sendo que poucas pessoas (ou nenhuma) “[...] são capazes de evitar a passagem por mais de uma ‘comunidade de ideias e princípios’, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras [...]” (BAUMAN, 2005, p. 19), levando as pessoas a terem problemas a serem resolvidos quanto à consistência e à continuidade da identidade com o passar do tempo, afirma Bauman.

Segundo Bauman, vivemos uma era de acelerada liquefação. Estamos “[...] passando da fase ‘sólida’ da modernidade para a fase ‘fluida’.” (BAUMAN, 2005, p. 57). O autor explica que os “[...] ‘fluidos’ são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças.” (BAUMAN, 2005, p. 57). Seguindo esse raciocínio, é possível analisar o mundo atual e perceber a liquidez presente nas vidas das pessoas. Dessa maneira, a era “líquido-moderna” traz um sentimento de deslocamento e de estranheza que acompanha o indivíduo em suas escolhas e em seus descartes durante a vida. O indivíduo que se vê deslocado, parcial ou totalmente – ou seja, o indivíduo que apresenta alguns aspectos que são vistos pelos outros como estranho –, vive um desconforto perturbador, o qual gera a sensação de que sempre há “[...] alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar.” (BAUMAN, 2005, p. 19). Dessa maneira, as identidades, escolhidas pelo próprio indivíduo ou lançadas por outras pessoas ou instituições, flutuam no ar, sendo que as referências para a construção ou para a escolha das identidades mudaram de forma em pouco tempo. Bauman lança mão de um pensamento que completa e justifica esse argumento:

Autoridades hoje respeitadas amanhã serão ridicularizadas, ignoradas ou desprezadas; celebridades serão esquecidas; ídolos formadores de tendências só serão lembrados nos *quizz shows* da TV; novidades consideradas preciosas serão atiradas nos depósitos de lixo; causas eternas serão descartadas por outras com a mesma pretensão à eternidade (embora, tendo chamuscado os dedos repetidas vezes, as pessoas não acreditem mais); poderes indestrutíveis se enfraquecerão e se dissiparão; importantes organizações políticas ou econômicas serão engolidas por outras ainda mais poderosas ou simplesmente desaparecerão; capitais sólidos se transformarão

no capital dos tolos; carreiras vitalícias promissoras mostrarão ser becos sem saída. (BAUMAN, 2005, p. 58).

A identidade é algo a ser inventado pelo indivíduo, e não descoberto ou imposto, afirma Bauman. É algo que necessita ser construído a partir do zero ou ser escolhido entre as alternativas presentes na sociedade. A pessoa, após suas decisões, precisa lutar pela construção de suas identidades e, em seguida, lutar ainda mais para protegê-las. Bauman acrescenta que, para essa luta ser vitoriosa, ela deve ser, e tende a ser, suprimida e oculta. Porém, atualmente, essa verdade é difícil de ser escondida, já que as forças determinantes perderam o interesse; nas palavras de Bauman: “[...] retiraram-se do campo de batalha e estão contentes com a tarefa de encontrar ou construir uma identidade para [...] homens e mulheres, individual ou separadamente, e não conjuntamente.” (BAUMAN, 2005, p. 22).

As questões de identidade não se esgotam. Bauman faz um breve histórico da identidade como problema e nos revela que, em um censo feito na Polônia pré Segunda Guerra Mundial, os habitantes tinham de responder a qual nação pertenciam. O censo fracassou, “[...] os entrevistados simplesmente não entendiam o que era uma ‘nação’ nem o que significava ‘ter uma nacionalidade’.” (BAUMAN, 2005, p. 23). Os habitantes, que antes não pensavam em nacionalidade, respondiam: “[...] ‘somos daqui’, ‘somos deste lugar’, ‘pertencemos a este lugar’.” (BAUMAN, 2005, p. 24). Os habitantes daqueles lugares só conseguiam pensar no que podiam ver e viver; a sociedade, naquele momento, era um aglomerado de vizinhos que partilhavam de uma terra, de um clima e de um modo de vida sem nunca pensarem em um pertencimento maior, que englobasse muito mais pessoas e comunidades. Bauman ressalta que, até recentemente, os lugares pareciam estar muito distantes, como, por exemplo, no “[...] século XVIII, a viagem de [...] Paris a Marselha durava tanto tempo quanto na época do Império Romano.” (BAUMAN, 2005, p. 24). Contudo, essas vizinhanças adjacentes, interligadas pelas proximidades, perderam o seu poder aglutinador e desintegraram-se lentamente, ao se verem expostas à revolução dos transportes. Como resultado, temos “[...] o nascimento da identidade – como problema e, acima de tudo, como tarefa.” (BAUMAN, 2005, p. 24). Assim, a ideia de identidade não surgiu espontaneamente; essa “[...] ideia foi forçada a entrar na *Lebenswelt* de homens e mulheres modernos – e chegou como uma ficção.” (BAUMAN, 2005, p. 26). Emergiu da crise do

pertencimento e do esforço do estado moderno de “[...] definir, classificar, segregar, separar e selecionar [...]” (BAUMAN, 2005, p. 27).

Trazendo o “problema da identidade” para o mundo atual, Bauman aponta que “[...] a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso.” (BAUMAN, 2005, p. 30). As afiliações sociais, como raça, gênero, país ou local de nascimento, família e classe social, têm se tornado cada vez menos importantes para as pessoas que vivem nos países mais desenvolvidos financeiramente e economicamente, afirma Bauman. Em função disso, cresce a necessidade de se encontrar ou de se criar um grupo no qual a pessoa possa se encaixar para facilitar a construção da sua identidade. Bauman acrescenta à sua discussão sobre identidade os aspectos universalizantes da internet e dos meios de comunicação em massa. No mundo atual, as comunidades do tipo “aglomerado de vizinhanças” deixam de existir como ponto de referência de estilo de vida, e as pessoas passam a ingressar em comunidades virtuais eletronicamente mediadas. O problema, nesse ponto, é a falta de solidez que antes existia, mesmo que aparente, lembra Bauman. As relações são frágeis, de fácil acesso e abandono; segundo Bauman: “[...] estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais.” (BAUMAN, 2005, p. 31). Ele cita um dos grandes adventos da modernidade, os aeroportos, chegando a serem espaços neutros nas nações pós-modernas, onde as pessoas estão em trânsito, mostrando a rapidez das viagens territoriais, contrapondo-se ao mencionado anteriormente sobre uma viagem de Paris a Marselha. As pessoas, nos aeroportos, menciona Bauman, não interagem entre si; elas estão sempre conectadas em seus dispositivos eletrônicos, falando, ouvindo, vendo, interagindo com a máquina. De tal modo que, o individualismo, desejado por muitos há séculos, pode ser visto como um objetivo alcançado. Nos aeroportos, a pessoa está em trânsito e, mesmo assim, pode estar em um terceiro lugar, virtualmente; a tecnologia transfigurou a maneira do ser humano viver e está interferindo em suas relações consigo e com os outros.

Como os aeroportos, as pessoas e suas identidades estão em movimento constante e veloz, buscando, construindo e mantendo referências para usá-las quando necessário, como cartas curingas. As pessoas lutam para se juntarem aos grupos identitários, igualmente móveis e velozes, que procuram. Elas constroem e tentam manter vivas, por um momento, as identidades, mas não por muito tempo, observa

Bauman. O fato de se poder escolher e descartar as identidades gera, nas pessoas, uma falsa sensação de controle sobre os eventos de sua vida. Observando isso, Bauman completa que o “[...] anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo [...]”, pois o indivíduo que é “[...] ‘identificado’ de modo inflexível e sem alternativas – é [...] cada vez mais malvisto.” (BAUMAN, 2005, p. 35). Contudo, “[...] ‘identificar-se com...’ significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar.” (BAUMAN, 2005, p. 36).

Direcionando a análise para a escala social, percebe-se que a “[...] identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadas.” (BAUMAN, 2005, p. 44). O capitalismo, afirma Bauman, está mudando a sua maneira de existir; antes, havia a exploração da força de trabalho; agora, a explosiva economia capitalista está se tornando excludente, aprofundando a desigualdade social, aumentando a quantidade de pobres e miseráveis e humilhando as pessoas com suas vendas intermináveis. Como as identidades vêm sendo “vendidas” pelos meios de comunicação, neste capitalismo excludente, e oferecidas pelas instituições reguladoras, as pessoas que possuem mais capital acabam tendo maior acesso aos “produtos”, e os escolhem da maneira que lhes convém. A classe de pessoas com menor poder aquisitivo permanece sem escolhas, aderindo às identidades que lhes foram impostas, de certa maneira fixas, contradizendo a mobilidade comentada anteriormente, produzindo sujeitos malvistos: uma “[...] identidade [...] firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha [...]” (BAUMAN, 2005, p. 60). Sobre a estratificação social, Bauman aponta que nos

[...] polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha de identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas pelos outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44).

Pensando sobre as pessoas às quais foi negado o direito à escolha de identidade, Bauman analisa e afirma que elas estão num lugar, na estratificação social, abaixo do termo classe social, aquilo que o autor identifica como “subclasse”. Ele comenta que, se

[...] você foi destinado à subclasse (porque abandonou a escola, é mãe solteira vivendo da previdência social, viciado ou ex-viciado em drogas, sem-teto, mendigo ou membro de outras categorias arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis), qualquer outra identidade que você possa ambicionar ou lutar para obter lhe é negada a priori. (BAUMAN, 2005, p. 46).

Nesses termos, Bauman explica que o significado da “[...] ‘identidade da subclasse’ é a ausência de identidade [...]” (BAUMAN, 2005, p. 46). A pessoa acaba perdendo a sua individualidade, o seu rosto, aponta Bauman; com isso, a pessoa se vê excluída do espaço social, com tantas identidades para serem escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas e refutadas. Bauman acrescenta que os refugiados políticos estão tendo o mesmo destino dessa subclasse. O problema, nesse caso, é que, além de todas as privações pelas quais as pessoas da subclasse passam, os refugiados ainda perderam o “[...] direito à presença física dentro de um território sob lei soberana [...]” (BAUMAN, 2005, p. 46).

No seu discurso, Bauman usa a alegoria do quebra-cabeça para ilustrar o problema da identidade. Segundo o autor: “[...] é preciso compor a sua identidade pessoal [...] da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça incompleto ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas).” (BAUMAN, 2005, p. 54). O quebra-cabeça citado por Bauman é interminável; cada vez mais, aparecem peças que, muitas vezes, as pessoas nem sabiam que existiam. O autor afirma que as peças estarão sobre a mesa, mas que a pessoa não terá acesso à imagem que poderá aparecer no final, podendo não conseguir montar uma imagem coerente e significativa para os padrões pré-estabelecidos pelas normas que a pessoa segue: religiosas, políticas ou sexuais. Assim, a identidade passa a ser um jogo ao acaso, no qual há um *start*, que pode ser escolhido; mas a pessoa que escolheu certa identidade estará entregando à sorte o resultado final. O autor completa então que a “[...] construção da identidade [...] é guiada pela lógica da racionalidade do objetivo (descobrir o quão atraentes são os objetivos que podem ser

atingidos com os meios que possui).” (BAUMAN, 2005, p. 55). Essa construção é feita com o material (as peças) que as pessoas têm à mão, acrescenta Bauman.

Nesse jogo de escolhe e descarta, a pessoa cresce com uma crise pessoal enorme; as escolhas que lhe são postas e impostas a perturbam. Situações triviais para os seres humanos, como as relações interpessoais, estão se transformando, e o contato face a face ficando cada vez menor, ao mesmo tempo em que a pessoa pode se comunicar com outras pessoas em quase toda a superfície do planeta, dependendo do acesso à tecnologia como regra para a comunicação imediata à distância.

As pessoas que vivem nesta era líquida, segundo Bauman, vivem “relacionamentos ‘sem compromisso’” (BAUMAN, 2005, p. 69), gerados pelo modo “consumista” de viver na atualidade. Segundo Bauman, o “[...] ‘modo consumista’ requer que a satisfação precise ser, deva ser, seja de qualquer forma instantânea, enquanto o valor exclusivo, a única ‘utilidade’, dos objetos é a capacidade de proporcionar satisfação.” (BAUMAN, 2005, p. 70). Percebe-se que os ancestrais do homem eram treinados como produtores para gerar sua própria fonte de alimento e de utensílios; hoje, eles são “[...] cada vez mais moldados e treinados como, acima de tudo, consumidores, todo o resto vindo depois.” (BAUMAN, 2005, p. 72). As relações pessoais – “[...] amor, parcerias, compromissos, direitos e deveres mutuamente reconhecidos [...]” (BAUMAN, 2005, p. 68) – são vistas por Bauman como ambivalentes; seus objetos, simultaneamente, causam “[...] atração e apreensão, desejo e medo [...]”, criando um estado constante de “[...] hesitação, inquietação, e ansiedade [...]” nas pessoas. Com tudo isso, na modernidade líquida, surge o “[...] ‘homem sem vínculos’ [...]” (BAUMAN, 2005, p. 69), que luta por sua liberdade de escolha e que, em sua maioria, cobiça e teme, ao mesmo tempo, um relacionamento. Logo, os relacionamentos estão diretamente ligados à satisfação, como o uso de produtos e de serviços no mercado; apesar de que Bauman advirta que, no “[...] amor, não há ajustes imediatos, soluções eternas, garantia de satisfação plena e vitalícia, ou de devolução do dinheiro no caso de a plena satisfação não ser instantânea e genuína.” (BAUMAN, 2005, p. 70). Assim, os relacionamentos interpessoais perderam a sua rigidez – podendo ser comprovado no íntimo das pessoas e também nas instituições regulamentadoras – e seguem o ritmo da satisfação pessoal; o divórcio poderia, assim, ser metaforizado pela alegoria da “devolução do produto” nas lojas. Bauman adiciona que o “[...]”

rompimento, ao que parece, é visto agora como um acontecimento tão ‘natural’ quanto a morte é para a vida [...]. [Pois atualmente,] [...] uma relação só dura enquanto permanece a satisfação que traz a ambos os parceiros, e nem um minuto mais.” (BAUMAN, 2005, p. 71).

O problema surge, nos relacionamentos, em relação à identidade, porque nas relações humanas a pessoa se identifica em referência às pessoas com as quais se relaciona, afirma Bauman (2005). E os aspectos das parcerias instantâneas, vigentes no modo de vida pós-moderno, têm efeitos colaterais desagradáveis, suscitando uma “[...] constante sensação de que faltam outras pessoas em sua vida, com sentimentos de vazio e solidão semelhantes ao da privação.” (BAUMAN, 2005, p. 99). Conectando tudo isso ao modo de comunicação via internet e celulares, estouram os relacionamentos virtuais, “[...] a partir dos ‘namoros rápidos’ e dos encantamentos mágicos dos ‘sistemas de mensagens’ dos telefones celulares [...]”, pois os mesmos serão (ou são) os substitutos para as “[...] redes seguras que as verdadeiras redes de parentesco, amizade e irmandade de destino costumavam oferecer de maneira trivial [...].” (BAUMAN, 2005, p. 100-101).

Por fim, há um questionamento sobre a identidade sexual. Vimos, em Giddens, que não se pode mais determinar a identidade sexual de uma pessoa pelo nascimento. É possível a mudança de sexo, e escolhas sexuais dantes estigmatizadas e negadas – não que sejam totalmente livres – estão mais à mostra; há discussões constantes sobre o tema, e a liberdade sexual está cada vez mais divulgada, pois houve um entendimento melhor, por parte da ciência e da sociedade, sobre a sexualidade humana nessas últimas décadas. Bauman nos expõe que o

[...] equipamento sexual de seu corpo é exatamente um [recurso] à disposição que, como os outros, pode ser usado para todo tipo de propósito e colocado a serviço de uma ampla gama de objetivos. O desafio, ao que parece, é esticar ao máximo o potencial de geração de prazer desse (*sic*) ‘equipamento natural’ – testando, uma por uma, todas as formas conhecidas de ‘identidade sexual’ e talvez inventando outras mais no caminho. (BAUMAN, 2005, p. 92).

Concluindo, a construção da identidade, de uma maneira geral, “[...] assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na

esquina esperando que você as escolha.” (BAUMAN, 2005, p. 91). As pessoas vivem, então, numa tarefa interminável de buscar, construir e descartar as identidades que foram criadas e também de inventar e divulgar alguma outra, como pode ser comprovado pelo trabalho de Bauman: “Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação.” (BAUMAN, 2005, p. 91-92).

2.3 A identidade como objeto

A identidade é tratada como um objeto maleável e passível de mudanças em seus conceitos e em suas formas. Stuart Hall (2001) apontou o caminho do pensamento ocidental quanto ao conceito de identidade, passando pelo sujeito cartesiano, tido como centrado em sua identidade imóvel, até o sujeito pós-moderno, com identidades fragmentadas. Essa mudança ocorreu principalmente pelo desenvolvimento da tecnologia e dos meios de transporte, características da modernidade, interligando física e virtualmente as pessoas. Dessa maneira, o sujeito passa a ter contato com outras culturas com muita frequência e cada vez com mais velocidade; o espaço e o tempo não são mais medidos como outrora. Ao ter mais contato com outras culturas, o sujeito⁸ percebe a diversidade de estilos de vida e das maneiras de estar no mundo. Com a crescente mobilidade trazida pelo progresso, com o desenvolvimento da ciência e da medicina e com a quebra de muitos dogmas religiosos, o sujeito que se via preso às antigas regras e normas inicia uma busca pela identidade na qual possa se encaixar e à qual possa pertencer.

⁸ Foi escolhido o termo [Sujeito] para se referir aos seres humanos no decorrer deste trabalho, tendo em vista que, segundo Jacques Lacan, o sujeito é diferente do indivíduo. O indivíduo é visto como um ser objetivo e adaptável, enquanto o sujeito “[...] é algo diferente de um organismo que se adapta.” Lacan acrescenta que “[...] o sujeito está descentrado com relação ao indivíduo.” (LACAN, 1995, p. 16). O sujeito é, portanto, excêntrico.

Seguindo o raciocínio de Hall, apresentamos a proposta de Anthony Giddens (2002), que acrescenta a esse sujeito⁹ uma crise interna. Com toda a mudança proporcionada pelo desenvolvimento dos meios de transporte e da tecnologia, e com a padronização do modo de trabalho, o sujeito se vê perdido em si mesmo, tendo que se autoidentificar para, depois, se identificar com o mundo. Segundo Giddens, as identidades não são mais pré-estabelecidas, como também afirmou Hall, e sim forjadas a partir dos interesses das instituições controladoras, sejam elas privadas, governamentais ou religiosas.

O mundo atual, considerado por muitos pensadores como pós-moderno, está em crise; sendo esta crise por causa do capitalismo tardio, da poluição, da vida abarrotada das grandes cidades e das lutas constantes por liberdade, de todas as maneiras. Essa crise surgiu com o desenvolvimento da modernidade, com as conquistas humanas e com o questionamento dos dogmas e paradigmas que acompanham a civilização, acabando por quebrar muitos preceitos que as comunidades carregavam. A visão da vida em comunidade mudou; antes, a comunidade era local, o sujeito tinha acesso à vida social do outro e sabia até que ponto ele poderia chegar durante sua vida, sendo que alguns traços sociais já eram marcados antes mesmo do nascimento, por herança genética e social ou por acordos, como casamentos arranjados. Hoje, a comunidade é global e a oferta de estilos de vida é enorme, salvo alguns casos nos quais o acesso à tecnologia e aos transportes é limitado. Os traços genéticos e sociais não são imóveis, como nas culturas pré-modernas, sendo que há cirurgias para a mudança de sexo, e o mercado aceita mudanças de classes sociais, embora poucos consigam.

Com todo esse aparato tecnológico do século XXI, o sujeito, segundo Bauman (2005), está perdendo os vínculos afetivos. O casamento, antes arranjado, hoje é descartável, como um produto que o sujeito usa enquanto lhe convier. Bauman comenta que, no fundo, o sujeito sente falta daqueles laços afetivos firmes, pois as relações pessoais ocorrem por meios eletrônicos e virtualmente, criando uma falsa impressão de contato contínuo com o seu grupo, seus amigos e suas famílias, hoje denominados contatos pelas redes sociais e *smartphones*.

⁹ Giddens, em seu trabalho, prefere designar o sujeito como indivíduo, sugerindo a mudança de perspectiva de mundo em relação ao ser humano, pois, para ele, o mercado capitalista dita o modo de vida atual, no qual o sujeito, que antes era coletivo, é levado a ser individual; assim, vivendo individualmente, consumirá mais.

Esse novo sujeito, descentrado e fragmentado, é controlado por muito mais regras do que se imagina. Temos, como exemplo, o jornalista de *Nove Noites*, que demonstra querer mobilidade em sua carreira; ele é um jornalista e quer [supõe-se] ser romancista; porém, nessa caminhada, percorre o caminho do que se pode esperar de um jornalista, fazendo pesquisas, entrevistando pessoas, indo à fonte e revistando arquivos. Dessa maneira, ele utiliza as informações coletadas como forma de relato de experiências, usando uma linguagem clara e objetiva. Cabe ressaltar o fato de que muitos romancistas adotaram ou adotam um modo de trabalho muito semelhante a esse. Há, nessa atitude do jornalista que visa escrever um romance, a busca por outra identidade, ou pelo menos a tentativa de construir uma nova; porém os dispositivos identitários que ele carrega há tempos – adquiridos e reforçados pela sua profissão de jornalista – vêm à tona mesmo sem que ele o queira explicitamente.

Certas identidades vão ganhando forças ao terem cada vez mais adeptos, enquanto outras surgem e se apagam como fogo na pólvora. Como a criação do estado brasileiro de Tocantins. Ali, uma identidade foi criada, e a antiga – goiana –, substituída. Até aquele momento, não existia a identidade tocantinense. O sujeito está sempre sendo analisado pelo outro, que cria uma imagem de quem pode ser aquela pessoa, a partir de seus dispositivos identitários, que sugerem sua identidade. Um trejeito ou uma delicadeza em um homem pode ser sinal de homossexualidade; um terno e gravata poderiam identificar advogados ou executivos; uma linguagem menos polida seria vista como pertencente a uma pessoa “caipira”; assim, as pessoas, muitas vezes, escolhem, antes de sair de casa, qual identidade “vestir”. Buell Quain, por exemplo, no romance, faz a escolha de viver uma vida barata durante sua estadia no Rio de Janeiro. Segundo Castro de Faria, etnólogo entrevistado pelo jornalista, Buell Quain tinha excentricidades e “[...] elas se resumiam ao fato de que era um rico fazendo questão de não ser identificado como tal.” (CARVALHO, 2006, p. 33). Podemos destacar outro dispositivo identitário sutilmente colocado no romance: nos pertences de Buell Quain, recuperados por Manoel Perna após o suicídio, havia dois livros de música. O personagem-escritor diz que Buell Quain estudou música, e o seu livro sobre Fiji tem a música como um dos temas principais. Lançando mão desses dispositivos, pode-se inferir que fosse um musicólogo. Confirma essa teoria o relato de Castro de Faria, no qual encontramos a informação de que Buell Quain, ao chegar em “[...]”

Cuiabá, a primeira coisa que fez [...] foi procurar um piano, o que não é fácil, e acho que acabou encontrando. Mas Cuiabá era um fim de mundo. Ouvi alusões ao fato de que ele era um virtuose. Era um musicólogo.” (CARVALHO, 2006, p. 34). Os dispositivos existentes tentam dar conta das várias identidades produzidas, pois, faz parte da própria existência destes uma política de controle. Desse modo, há juntamente com o uso desses dispositivos dentro da cultura rótulos que aderem às identidades, de modo a fazer com que os sujeitos sejam passíveis de controle. Dessa maneira, não há como reverter o processo, e o sujeito que adere a uma identidade ou outra será estigmatizado pelos seus traços identitários, enquanto usá-la. Se Buell Quain decidisse não se envolver mais com música, os outros nunca pensariam sobre a sua identidade musical, a menos que se fizesse uma pesquisa sobre seu passado, como é o caso do jornalista no romance. Portanto, o sujeito está fadado a ser identificado pelo que possui, faz, veste, compra ou fala. Em todo momento, ele está sendo julgado, absolvido de um pré-conceito ou condenado, pois as pessoas afirmam que aquele dispositivo era um traço real da personalidade dele.

Nessa perspectiva, seguiremos analisando o romance com mais detalhes no Capítulo 3, buscando destrinchar as identidades dos sujeitos na obra, analisar a narrativa, o narrador e os personagens, questionando estes últimos quanto às suas funções no enredo e como elementos da narrativa.

Capítulo 3

ASPECTOS NARRATIVOS IDENTITÁRIOS

3.1 Nove Noites

“Já pedi às nuvens que me tirem daqui e nada aconteceu”, ele teria dito a uma índia, mas não lhe peço que acredite em mais nada – a verdade depende apenas da confiança de quem ouve [...]. (CARVALHO, 2006, p. 21).

Nove Noites é estranho e incomoda, pois se partirmos dos pressupostos de que os romances seguem uma linearidade em sua história, podendo, após a leitura, o leitor contar o início, o meio e o fim do enredo, como argumentado por Antonio Candido, em *A personagem de ficção* (1970), em *Nove Noites* esse recontar o enredo não é tão simples. Cabe ressaltar que o estudo de Candido é dos anos 70, e quase sempre busca exemplos em textos do século XIX ou, quando muito, dos anos 1950. Isso marca certo tom datado que esse ensaio apresenta. Candido não poderia fazer ou optou por não fazer uma leitura de romances mais próximos do seu tempo de produção e a literatura e a estrutura dos romances foram sofrendo, com o passar do tempo, muitas alterações, conforme se pode conferir no romance analisado nesta dissertação.

Nas páginas de *Nove Noites*, encontram-se informações espalhadas que não seguem uma lógica pré-estabelecida de início-meio-fim. O estranhamento tanto aparece na ordem dos fatos quanto no conteúdo do romance. Fica difícil resumir o enredo porque não se pode definir o início a ser contado, a não ser pelo ritmo da própria narrativa. Há vários pontos que são mostrados de maneira labiríntica na obra, que poderiam ser escolhidos como ponto de partida; mas, em outro estudo, alguém poderia começar o seu “recontar” por outro ponto. De maneira geral, há dois pontos de vista na narrativa; os dois narradores mantêm em comum a pessoa de Buell Quain como seu motivo de existir nas páginas do livro, ou o pretexto para tal. Ao narrar o outro, nesse caso, o já citado Buell Quain, o personagem-escritor se narra e conta partes memoráveis da sua vida e das suas experiências; também podemos, por meio das cartas deixadas por Manoel Perna conhecer a cidade de Carolina, sua visão das pessoas que conviviam com ele e seu modo de vida; assim, esse narrador também se expõe, ao expor suas memórias de Buell Quain. Porém, há, nas páginas do romance, a história de vida do próprio Buell Quain, que poderia ser, de certa maneira, montada a partir de fragmentos espalhados até a última página. Dos dois narradores, o personagem-escritor, que parece ser o criador de

Manoel Perna, como será detalhado mais à frente, não tem nome; decido identificá-lo como Jornalista por motivos didáticos, facilitando a distinção entre os narradores, o que leva à questão identitária, sendo que o nome próprio é uma das marcas mais importantes das identidades pessoais.

Com todo esse emaranhado de informações, o estranhamento, por parte do leitor, é natural. Estamos acostumados com um enredo que se desenrola tradicionalmente, pela introdução do ambiente, dos personagens e do enredo, pelas complicações, pelo clímax e pelo desfecho. Já o livro analisado entrega, na primeira página, o suicídio de Buell Quain, informação também impressa na contracapa. Aquilo que poderia ser visto como uma complicação, o suicídio, organiza uma expectativa de que os motivos do suicídio serão desvendados ao longo do romance. Com essa premissa, o leitor anda na beira do impossível; uma história que não se desvende, cujo final não se resolve e cujo princípio não se organiza de modo tradicional. Podemos dizer que o livro, então, se aproxima de uma investigação, o que poderia aproximá-lo de um romance policial; no entanto, o mistério investigado pelo Jornalista se dá conforme os dispositivos identitários de Buell Quain são lançados aleatoriamente, na medida em que o personagem-escritor aprofunda em suas pesquisas. A narrativa não chega, portanto, a resolver a sua premissa básica, que é desvendar a morte prematura do antropólogo.

Do ponto de vista do narrador Manoel Perna, e seguindo uma linha temporal, em março de 1939, Buell Quain chega à cidade de Carolina, “[...] na fronteira do Maranhão com o que na época ainda fazia parte de Goiás e hoje pertence ao estado do Tocantins.” (CARVALHO, 2006, p. 13). Quain destina-se, em seguida, à aldeia *Krahô* de Cabeceira Grossa, onde fica por aproximadamente quatro meses, depois dos quais volta à cidade de Carolina algumas vezes. Nesses quase cinco meses, convive com Manoel Perna durante nove noites, o que provavelmente dá nome ao livro. Segundo Manoel Perna, essas nove noites

[...] foram como a vida toda. A primeira, na véspera de sua partida para a aldeia. Depois, mais sete durante a sua passagem por Carolina em maio e junho, quando vinha à minha casa em busca de abrigo, e a última quando o acompanhei pelo primeiro trecho de sua volta à aldeia, quando pernoitamos no mato, debaixo do céu de estrelas. A última noite foi por minha conta. Ele não havia requisitado a minha companhia, mas senti que devia acompanhá-lo a cavalo, nem que fosse apenas no primeiro trecho do percurso, como se

de alguma maneira soubesse o que àquela altura não podia saber, que nunca mais o veria. (CARVALHO, 2006, p. 41).

Durante essas nove noites, Buell Quain relata suas experiências em outros países, em outras tribos, e um pouco da sua vida íntima para Manoel Perna. Não há detalhamento sobre a língua usada para a comunicação entre eles, apesar de que, quando Manoel Perna recebe as cartas deixadas pelo suicida, ele afirma que chamou o professor Pessoa para ler as cartas. O fato de Manoel Perna informar que essas nove noites seriam como “a vida toda” demonstra como as pessoas representam a identidade de outra. É a partir de apenas nove noites que uma vida é definida, conhecida, ou seria melhor dizer, fabricada? Chama a atenção o modo como Manoel Perna, a partir de suas cartas, passa a ser o guardião da memória de Buell Quain, ou o guardião da identidade deste. Mesmo com a possibilidade de compreensão equivocada dos fatos narrados por Buell Quain, por causa da língua que os distancia, Manoel Perna afirma todos os acontecimentos.

Nas cartas que Manoel Perna redige para um “você” não nomeado, não é possível identificar o que levaria o antropólogo Buell Quain ao suicídio. Sabe-se que saiu da aldeia com a intenção de dar fim à própria vida, carregando alguns objetos e “[...] cartas para os Estados Unidos, para o Rio de Janeiro, para Mato Grosso e duas para Carolina [...]” (CARVALHO, 2006, p. 10). Entre essas cartas, há uma para o próprio Manoel Perna, na qual pede que entregue as outras aos seus destinatários. Entre todas as cartas, uma não é entregue, mas sim um bilhete expondo, em código, a existência da carta, e que esta ficaria guardada em Carolina pelo próprio Manoel Perna. Essa carta é um mistério que não é revelado na narrativa; seu conteúdo e o seu destinatário ficam pendentes. Em virtude dessa carta, Manoel Perna narra as suas memórias, mas a carta em si não aparece em sua narração. Essa carta poderia revelar algo escondido da identidade de Buell Quain; no entanto, não será conhecido pelos leitores e nem pelo personagem-escritor. Estaria, aí, um modo de a narrativa apontar para o fato de que as identidades não são nunca conhecidas de todo? Não haveria, nesse ponto, uma (im)possibilidade de não reconhecimento do outro? Aquilo que nos escapa sempre, embora, enquanto discurso do senso comum, as pessoas resolvam afirmar conhecerem umas às outras?

Já sob o ponto de vista do Jornalista, Buell Quain está em um tempo mais distante na narrativa. Ele diz, a princípio, ter visto o nome de Buell Quain em uma reportagem, e se interessa pelo assunto, iniciando uma pesquisa sobre o que houve com este jovem suicida de 27 anos, tentando desvendar uma questão que data de quase 70 anos atrás. Porém, no decorrer de sua narrativa, o Jornalista afirma achar possível ter ouvido o nome dele em um hospital, anos antes. Contudo, não há uma justificativa exata pelo interesse do Jornalista, que afirma ser a história, talvez, um conteúdo para um romance. O Jornalista faz viagens pelo Brasil e também para os Estados Unidos, buscando informações que possam definir o antropólogo e levá-lo a uma conclusão sobre o suicídio. Importante resaltar que, durante sua narrativa investigativa, o Jornalista relembra sua infância com o pai, entre os índios, e a morte do seu pai, fatos que, possivelmente, o identificam com Buell Quain, partindo da premissa de que nos interessamos por aquilo com que nos identificamos. Suas investigações tomam um rumo memorialístico bastante perturbador, pois são confissões de um passado triste, que não o abandona.

Sobre Buell Quain, a quantidade de informações é tão grande que não há como resumir em poucas linhas. Ele não é descrito de uma única maneira; recebemos informações de vários traços da sua personalidade que podem ser falsas, pois é a tentativa de construir a identidade do outro a partir de fatos e histórias apresentados pelo personagem-escritor. Buell Quain não faz ação alguma na narrativa; pelo contrário, a narrativa parece ter ação por causa dele; ele parece ser o motivo principal para que toda a história aconteça, deixando evidente a questão da identidade do personagem. Reiterando, Buell Quain é o *start* para o Jornalista iniciar sua busca, e é também a causa das cartas de Manoel Perna.

Buell Quain é norte-americano, filho de pais ricos e bem-sucedidos na área da medicina. Na adolescência, trancou a faculdade e viajou pelo mundo em um navio cargueiro. Formou-se, ao retornar aos estudos, em zoologia, e iniciou a pós-graduação em antropologia. Fez pesquisas em tribos/aldeias em alguns países, e suicidou-se ao sair de uma delas, no Brasil, aos 27 anos. Apesar desse breve histórico, não se pode afirmar muita coisa sobre a vida pessoal do antropólogo, pois as informações vagas sobre os relacionamentos familiares e de amizade, e sobre os supostos relacionamentos

amorosos, estão espalhadas nas duas narrativas, sem que um ou outro narrador afirme alguma característica definitiva do sujeito.

O livro fecha com um agradecimento, que afirma que *Nove noites* “[...] é um livro de ficção, embora esteja baseado em fatos, experiências e pessoas reais. É uma combinação de memória e imaginação – como todo romance, em maior ou menor grau, de forma mais ou menos direta.” (CARVALHO, 2006, s/ p). Para terminar de criar o labirinto da obra, Bernardo Carvalho, o autor, identifica-se como escritor e jornalista, igual ao seu personagem-escritor, que faz uma pesquisa com a intenção de fazer um romance, ficcionalizando outro personagem-narrador, Manoel Perna, em sua narrativa. Assim, a pessoa do autor pode se confundir com a pessoa do personagem-escritor, dando mais um motivo para a discussão das identidades na obra. Há nesse ponto um jogo que se estabelece com o leitor, levado a reconhecer, por meio da metaficcionalidade da narrativa, o *status* ficcional da obra ao discutir deliberadamente o processo de criação literária em seu interior, de modo explícito e consciente, exigindo maior cooperação do leitor no ato da leitura do texto. Trata-se, pois, de uma discussão que abarca a própria identidade da ficção enquanto ficção, isto é, o desdobramento do personagem-escritor em um outro – Manoel Perna – expõe não somente o problema ou a questão identitária dos personagens, mas da própria ficção enquanto ficção.

3.2 O narrador Jornalista

No romance, há dois narradores, como mencionado anteriormente, que se intercalam no jogo das identidades. O Jornalista cria um narrador dentro da sua narrativa, Manoel Perna, levantando a questão identitária do autor/personagem/narrador. Quem escreve o livro, o autor, é o narrador ou cria um personagem narrador? O narrador é o seu criador ou cria vida própria a partir do momento da sua criação/invenção? O Jornalista deixa pistas de que era necessária a criação de um personagem para ajudá-lo na confecção do seu suposto romance. Segundo o Jornalista, que não pode ser confiável, pois é um fingidor, Manoel Perna existiu e conviveu com Buell Quain antes do seu suicídio. O Jornalista admite que

“Manoel Perna não deixou nenhum testamento [...]” (CARVALHO, 2006, p. 121); assim, ele imaginou uma oitava carta deixada por Buell Quain. Pode-se afirmar que essa oitava carta é a outra narrativa do romance, que se intercala com a pesquisa do Jornalista. Difícil seria saber qual das duas narrativas é a primeira ou a segunda, sendo que, fisicamente, no livro, se encontra o início da carta de Manoel Perna no primeiro fragmento; mas, após leitura e reflexão, se conclui que a carta é invenção do personagem-escriptor, que aparecerá somente no segundo fragmento. Assim, o Jornalista cria a narrativa do seu personagem Manoel Perna primeiro? Ou, após a escrita da sua narrativa, inventa uma carta com o intuito de preencher lacunas que não consegue, e a dispõe intercaladamente com sua escrita prévia? Não há respostas certas para essas perguntas; arrisca-se, aqui, uma leitura. Nessa perspectiva, há a criação de um personagem-escriptor que exerce, ainda, a função de narrador dentro da própria criação literária. Um narrador que cria outro narrador e que o diferencia principalmente pela impressão das letras em *itálico*. Caberia uma análise linguística minuciosa para identificar traços que distinguissem esses dois personagens/narradores, ou que comprovassem que são falas de uma mesma pessoa, com diferenciação somente gráfica. Contudo, o objetivo deste trabalho é a questão da identidade. Dessa maneira, o que nos interessa é o terreno movediço das identidades pessoais, sendo que este é uma ficção criada pelo próprio sujeito, como afirma Bauman (2005), alimentada diariamente para ter força de existir. Assim, no romance, há, primeiramente, um narrador ficcional criado pelo autor, o Jornalista, que cria vida própria e que, por sua vez, cria outro narrador nas cartas de Manoel Perna.

O Jornalista dá pistas no decorrer da sua narrativa, apontando para a criação do narrador sertanejo Manoel Perna, como pode ser visto no fragmento a seguir.

Àquela altura dos acontecimentos, depois de meses lidando com papéis de arquivos, livros de anotações de gente que não existia, eu precisava ver um rosto, nem que fosse como antídoto à obsessão sem fundo e sem fim que me impedia de começar a escrever o meu suposto romance (o que eu havia dito a muita gente), que me deixava paralisado, com o medo de que a realidade seria sempre muito mais terrível e surpreendente do que eu podia imaginar e que só se revelaria quando já fosse tarde, com a pesquisa terminada e o livro publicado. Porque agora eu já estava disposto a fazer dela realmente uma ficção. Era o que me restava, à falta de outra coisa. (CARVALHO, 2006, p. 141).

Nesse fragmento do romance, o personagem-escritor expõe que tem muitas informações, pois, passou “[...] meses lidando com papéis de arquivos, livros de anotações de *gente que não existia* [...]”. A expressão grifada traz uma ambiguidade, a partir da qual a narrativa amplia seu sentido labiríntico, com o qual estamos trabalhando, pois diz respeito a gente que já morreu há muito tempo e também a gente que nunca existiu e que foi inventada pelo personagem-escritor. Nesse mesmo fragmento, ele acrescenta, para emaranhar mais a questão, que ficcionalizará o que ele pesquisou. Ao dizer que “precisava ver um rosto”, parece apontar para a criação de Manoel Perna como um personagem, pois, assim, ele teria uma figura que poderia complementar suas hipóteses que, durante a pesquisa, não puderam ser comprovadas. Seguindo o fluxo do pensamento do Jornalista, a declaração de que ele estava escrevendo um “suposto romance” direciona a pesquisa para o jornalismo, o biográfico, a realidade, pois sendo jornalista ele teria que se ater aos fatos. Contudo, ele não afirma escrever um romance ou um artigo, fica em suspenso, já que suas declarações são esquivas, como quando, ao procurar a primeira pessoa para lhe informar sobre o caso – a antropóloga que escreveu o artigo que ele leu sobre o suicídio –, o personagem-escritor afirma: “Supôs que eu quisesse escrever um romance, que meu interesse fosse literário, e eu não a contrariei.” (CARVALHO, 2006, p. 12). Esse é o primeiro momento, no romance, no qual é exposto para o leitor algo em relação ao interesse do Jornalista. Ele está expondo seu objeto de pesquisa e sua primeira “entrevista”. Contudo, não há uma fala concreta da antropóloga, sua interlocutora, em um primeiro encontro; falando da sua suposição, ele sozinho acredita na “suposição” dela. Podemos inferir, com isso, que passava pela cabeça dele a possibilidade de criar um romance com o que havia acabado de ler em um artigo de jornal – o suicídio de um jovem antropólogo no Brasil, na década de 1930. No decorrer da narrativa, ele vai se aprofundando em sua “suposta mentira” – criação de um romance.

Na busca de informações sobre os índios *Krahô*, ele se encontra com um casal de antropólogos. Logo no início da conversa, já introduz o assunto do romance, mesmo sem ser perguntado: “Àquela altura, eu já estava completamente obcecado, não conseguia pensar em outra coisa, e como todos os que eu havia procurado antes, eles também não quiseram saber por quê. Ninguém me perguntava a razão. Eu dizia que queria escrever um romance.” (CARVALHO, 2006, p. 66). Diferente da vez anterior, na

qual ele supôs que o outro havia pensado em seu interesse de escrever um romance, dessa vez adianta-se e afirma o seu interesse; contudo, para o leitor, fica claro que não é a realidade; mesmo assim, seu interesse não é declarado: algo no caso de Quain o atrai sem justificativa aparente, pois ele já pesquisava sobre o antropólogo há meses, e já havia feito e continuaria fazendo algumas viagens.

Em sua ida à aldeia da tribo *Krahô*, ao ser interrogado por um índio, afirma: “Tentei lhe explicar que pretendia escrever um livro e mais uma vez o que era um romance, o que era um livro de ficção (e mostrava o que tinha nas mãos), que seria tudo historinha, sem nenhuma consequência na realidade.” (CARVALHO, 2006, p. 85). Nessa passagem, o que chama a atenção é que ele se envolve em sua mentira de tal forma que começa a parecer verdade para ele mesmo. O Jornalista se expõe um pouco mais ao tentar convencer o índio do seu interesse literário sobre o caso do suicídio, e que isso não teria consequências reais: “Eu tentava dizer que, para os brancos que não acreditam em deuses, a ficção servia de mitologia, era o equivalente dos mitos dos índios, e antes mesmo de terminar a frase, já não sabia se o idiota era ele ou eu.” Para completar a sua explicação: “Não conseguia fazê-lo entender o que era ficção (no fundo, ele não estava interessado), nem convencê-lo de que o meu interesse pelo passado não teria consequências reais, no final seria tudo inventado.” (CARVALHO, 2006, p. 86). Esses fragmentos mostram o conhecimento do Jornalista em relação à criação/invenção da ficção, e demonstra que algo dito muitas vezes, como uma identidade, pode virar realidade, pois, tempos depois, ao comentar sobre seu interesse pelo caso Buell Quain, afirma: “Tomei o avião para Nova York com pelo menos uma certeza: a de que, não encontrando mais nada, poderia por fim começar a escrever o romance.” (CARVALHO, 2006, p. 141).

3.3 Labirinto de identidades

No romance, é possível perceber a construção de uma ideia até a sua concretização – criar um romance. Assim é a identidade. Segundo Hall (2001), o sujeito muda de identidade para se adaptar ao contexto no qual está inserido, sendo que, mesmo

durante algumas horas do dia, se pode “vestir” uma determinada identidade ou outra para satisfazer as exigências sociais contemporâneas. As identidades, nesse sentido, são construídas de acordo com a necessidade/vontade do sujeito e sustentadas quando for preciso. Buell Quain, ao passar meses nas aldeias, como a dos índios *Krahô*, manteve a sua postura de antropólogo, buscando não se deixar afetar pela cultura dos povos locais. Essa questão de identidade é comprovada por Manoel Perna, quando narra que recebeu os pertences do antropólogo suicida: “[...] dois livros de música, uma Bíblia, um par de sapatos, um par de chinelos, três pijamas, seis camisas, duas gravatas, uma capa preta, uma toalha, quatro lenços, dois pares de meias, um suspensório, dois ternos de brim, dois ternos de casimira, [e] duas cuecas [...]” (CARVALHO, 2006, p. 09-10). A roupa é um dos dispositivos identitários que pode separar o antropólogo dos seus objetos de pesquisa, os índios; pelo menos ele parecia crer nisso. Ao se observar os livros, a música e a bíblia, temos a certeza de que ele é um sujeito ocidental civilizado.

Buell Quain, em carta recolhida e transcrita pelo Jornalista na narrativa, afirma que os índios ficam melhores sem roupas. Quando ele frequentava as aldeias, os índios viviam quase nus. Essa é uma característica que se liga à identidade indígena apontada pelos relatos dos viajantes que aqui aportaram em pleno século XVI. A literatura e as outras artes retratam isso há muito tempo; porém o antropólogo convive com essa cultura e, mesmo assim, precisa de ternos e gravatas. No quadro traçado pela narrativa, é possível percebê-lo se destacando com as suas roupas entre as pessoas seminuas. Talvez isso fosse uma maneira de ele lembrar quem é, pois é necessária a reafirmação das identidades escolhidas para que elas continuem fazendo parte do sujeito. Como o ser humano é adaptável, facilmente, o antropólogo poderia se misturar aos nativos. Foi preciso, como demonstrado na obra, um tempo para a construção da sua identidade de antropólogo, por exemplo, para os índios. A afirmação contínua fez com que Buell Quain alimentasse essa identidade e a tornasse real para si e para os outros.

Segundo Giddens (2002), a identidade pessoal sobressai sobre os outros tipos de identidades. Para ele, a individualidade foi inventada recentemente e difundida, assim como a ideia de identidade. No romance, vemos um sujeito indeciso quanto à sua identidade; Jornalista, provavelmente graduado em jornalismo, encontra-se interessado em um assunto e não se sabe qual a base desse interesse. Sua identidade fica no ar; apesar de os leitores saberem que ele é um jornalista, no decorrer do romance, vai se

distanciando da identidade “jornalista” e se aproximando da identidade de “escritor ficcional”. Isso pode parecer muito simplório, mas, embora saibamos que muitos jornalistas se transformam em romancistas, o que quase não ocorre de forma inversa, interessa-nos que, na narrativa, essa direção tomada pelo personagem-escritor é importante para pensarmos a questão de uma identidade sempre em direção a algo que não se sabe aonde vai dar. Identidade móvel, portanto, como afirma Stuart Hall. De início, não havia o conflito entre as identidades; no decorrer das suas pesquisas, ele se vê mais confortável na posição de romancista do que na de jornalista; passa, então, a se identificar como tal e, por fim, acaba acreditando em sua construção, ao afirmar: “poderia por fim começar a escrever o romance” (CARVALHO, 2006, p. 141). Nesse momento da narrativa, tem a certeza de que faria de todas as informações colhidas um romance, uma estória ficcional, e não um artigo jornalístico, como deveria, pois sua identidade pessoal inicial era de jornalista. Com isso, percebemos a fluidez e a transitoriedade das identidades. Bauman (2006) aponta para a identidade como invenção, ou seja, a pessoa a construirá com o passar do tempo, sendo que algumas serão afirmadas, confirmadas e, muitas vezes, descartadas, como comprovam as passagens do romance.

Os dispositivos identitários espalhados pela obra revelam questões que vão além da literatura ficcional e alcançam o espaço entre autor e narrador. Na literatura de Bernardo Carvalho, facilmente coloca-se em questão a identidade do autor e do narrador, pois seus livros são em primeira pessoa, dando espaço para que haja um narrador-personagem ou personagem-escritor, o qual cria a ambiguidade da presença da pessoa do autor. No caso específico de *Nove Noites*, encontra-se um personagem jornalista que pretende escrever um romance; por detrás desse personagem, há um autor jornalista, Bernardo Carvalho, que escreve um romance. Aponta-se, aqui, para a questão identitária do autor/narrador/personagem. Como separar esses três agora? Questões como essas eram mais fáceis de serem respondidas; acrescentando aos argumentos colhidos a informação de que o narrador é fictício, o autor se safava dessa emboscada. Contudo, em *Nove Noites*, a tarefa não é simples; para separar o autor do narrador, é preciso ir bem mais além, pois, como o personagem jornalista, que se aprofunda em uma pesquisa sobre Buell Quain, o autor, Bernardo Carvalho, fez o mesmo – sendo que

Buell Quain é um personagem baseado em fatos reais. Sua história e existência podem ser comprovadas facilmente pela internet, fotos, documentos.

Bernardo Carvalho traz a questão identitária de quem escreve um romance e de quem o narra. A questão já não pode ser mais resumida pelo simples viés da ficção, pois, dentro da obra, o personagem-escritor ficcionaliza o narrador das cartas, Manoel Perna. Nesse sentido, não é a mesma coisa que o autor faz? Há, então, o autor, Bernardo Carvalho, que cria o personagem-escritor, Jornalista, que, por sua vez, cria o narrador, Manoel Perna, dentro da obra. As identidades são assim. Os sujeitos se narram e, à medida que suas identidades se formam, inicia-se o processo de formação de outras identidades, aglutinadas, na maioria das vezes, fazendo com que o sujeito tenha uma continuidade das suas identidades. Do mesmo modo, é-nos permitido pensar que a ficção esteja muito próxima da realidade, e o que é romance, a ficção e o factual não possuem mais algo que os separe totalmente; a literatura quer problematizar o modo como a realidade é colocada na cultura. Em tempos pós-modernos, aonde começa a realidade e aonde termina a ficção? Nesse romance, no qual esses seres parecem superpor-se muitas vezes, qual a distância que vai do autor para o seu personagem-escritor, e deste para sua criação, Manoel Perna? Quem é Buell Quain, quando tudo o que temos sobre ele nos é dado pelo viés dos relatos de outrem?

Chega o ponto de questionarmos qual tipo de narrador temos no romance. Segundo Walter Benjamin, em artigo publicado em 1936, a arte de narrar estava em extinção já no início do século XX. Ele argumenta que narrar é a “[...] faculdade de intercambiar experiências.” (BENJAMIN, 1996, p. 198). Essas experiências, ainda segundo Benjamin, devem conter ensinamentos, conselhos; o narrador tradicional é aquele que é confiável ao ponto de ter utilidade moral. Benjamin esclarece que a utilidade da narrativa “[...] pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.” (BENJAMIN, 1996, p. 200). Em seu texto, Benjamin afasta o narrador tradicional do narrador moderno ao utilizar o termo “sintoma de decadência” como uma característica moderna, no quarto fragmento do estudo sobre o narrador. Essa decadência está ligada à morte da narrativa, com o surgimento do romance, à formatação do livro, à sua venda e à falta de sabedoria nas narrativas produzidas naquele momento no qual ele escreve.

Benjamin adverte: o “[...] narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1996, p. 2001). Levando-se em conta que, para Benjamin, o narrador deve trazer experiências vividas, há, no romance, o narrador Manoel Perna, que narra suas experiências e as relatadas por Buell Quain, descrevendo as nove noites nas quais esteve ele. Para Benjamin, os narradores tradicionais “[...] gostam de começar a história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, [...]” (BENJAMIN, 1996, 2005). Assim, com base em Benjamin, pode-se afirmar que o narrador Manoel Perna parece ser, à primeira vista, um narrador tradicional, pois ele usa a memória para narrar as experiências vividas com Buell Quain: “[...] *mas já não posso contar com a sorte e deixar desaparecer comigo o que confiei à memória.*” (CARVALHO, 2006, p. 06). Porém, ao narrar as suas memórias, ele narra as histórias que ouviu de Buell Quain. Apesar de tentar ser fiel à sua memória, conta o que ouviu; inclusive indica que não são suas memórias:

Eram territórios que trilhava sozinho no verão ártico, infestado de mosquitos, e cujos mapas eram uma indissociável combinação da sua experiência e da sua imaginação. Assim como o que tento lhe reproduzir agora, e você terá que perdoar a precariedade das imagens de um humilde sertanejo que não conhece o mundo e nunca viu a neve e já não pode dissociar a sua própria imaginação do que ouviu. (CARVALHO, 2006, p. 104).

Nesse fragmento, ele narra o que ouviu e afirma estar imaginando outras coisas. Mas, ao narrar as experiências do outro, expõe a si mesmo: indica que não viajou pelo mundo e que “nunca viu a neve”. Ele narra o que ouviu e afirma que não pode “dissociar” a memória da imaginação, pondo em questão a verdade das informações, como um quebra-cabeça ao qual faltam peças, e o sujeito pinta uma peça falsa para colocar no espaço vago, criando uma imagem deformada, mas que cria a ilusão de completude. Ele deixa, cada vez mais, dúvidas no ar, enquanto o narrador tradicional, na visão de Benjamin, acredita narrar a verdade, pois confia na palavra do outro e em seu próprio relato. Mesmo que ficcional, o relato do narrador tradicional tem a necessidade de gerar um ensinamento. No caso da narrativa de Manoel Perna, isso parece impossível, pois ele mesmo não tem a certeza de quais exemplos ou

ensinamentos tirar da sua experiência ou até mesmo da experiência estranha que viveu com Buell Quain.

Outro aspecto conflitante é sua memória sobre o que relata. De um texto como o dele, relato de suas experiências, esperam-se memórias particulares, como expresso em momentos da sua carta: “Ao sairmos da festa, eu me adiantei e convidei o dr. Buell a passar em casa.” (CARVALHO, 2006, p. 41). Encontra-se, nesse fragmento, um relato de experiência própria; mesmo que ele queira mostrar o outro, Buell Quain, ele narra algo que viveu e que viu o outro vivendo. Sabe-se de uma festa na qual os dois estavam, mas, logo em seguida, na mesma página, o narrador acrescenta: “O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação [...]”. (CARVALHO, 2006, p. 41). Essa mistura de informações contradiz o que poderia ser considerado um narrador memorialístico, pois ora narra a si, ora narra ao outro, usando a imaginação para substituir informações esquecidas, e relembra o que o outro (Buell Quain), ao conversar com o narrador (Manoel Perna), narrou. São, então, memórias das memórias, narrativas das narrativas. No texto memorialístico ou autobiográfico tradicional, o autor quer que o leitor acredite que ele está narrando a verdade, que não haja dúvidas sobre o que está dizendo. Para isso, ele lança mão de uma argumentação poderosa e apresenta exemplos para que o efeito de realidade embase a sua narrativa. No entanto, Manoel Perna duvida do seu relato, da sua memória, de si mesmo, o que pode ter relação direta com a sua identidade de caboclo, pouco estudado, muito próximo dos índios, a quem a sociedade branca e letrada não costuma dar valor às suas experiências e aos seus relatos. Além de ser uma estratégia do autor para problematizar a própria ficção, ou sua construção enquanto discurso/criação/imaginação.

3.4 Narrador pós-moderno

Segundo Silviano Santiago (2000), há outro narrador se formando nessas últimas décadas. O narrador que, segundo ele, pode ser chamado de pós-moderno é uma contraposição ao narrador tradicional apontado por Benjamin. De acordo com Santiago, Benjamin caracterizou três estágios de desenvolvimento do narrador: o narrador

clássico, o narrador do romance e o narrador jornalista. Entre os narradores caracterizados por Benjamin, o narrador jornalista é desvalorizado, mas é uma peça chave da narrativa contemporânea. Dessa maneira, Santiago afirma: “[...] o narrador pós-moderno é o que transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência.” (SANTIAGO, 2000, p. 46).

Com base nessas afirmações de Santiago, é possível analisar *Nove Noites* como um romance contendo narradores pós-modernos, pois que, a princípio, nenhum deles narra apenas a si mesmo, mas narram também as experiências de outros. A narrativa de si é sempre subnutrida, pois é fragmentada demais para os fazer parecer experientes. Suas experiências só se dão em consequência das experiências dos outros, como o personagem-escritor que vai ter de se narrar por causa da sua busca por Buell Quain; assim como Manoel Perna só narra a si mesmo devido à sua experiência com Quain, que ele afirma ter conhecido em nove noites. Vidas pequenas, identidades móveis que parecem tentar convencerem a si mesmas de suas existências, tão pouco lastreadas na realidade. Do Jornalista, pode-se dizer que não tem território ou lugar, pois se move para todos os lugares sem nenhum sentimento de que pertença a eles; Manoel Perna também parece estar em um entrelugar na própria civilização da qual pensa fazer parte: nem branco, nem índio, nem caboclo; nem patrão, nem empregado; uma espécie de mensageiro entre dois mundos que se desconhecem. Os dois se interessam por um sujeito que somente tem data de nascimento e local de origem, mas que, em algum momento da sua vida, parece ter perdido sua identidade, ao se negar a compactuar com a sociedade da qual fazia parte. Sua saída para outras terras, sua tentativa de conhecer outros modos de vida não resulta em algo que lhe dê a sensação de pertencimento, pois também não se identifica com os índios, permanecendo, assim, em um meio termo.

O sertanejo Manoel Perna aponta para a vida do antropólogo narrando as histórias que ouviu, mas, mesmo assim, entre seus relatos, expressa sua vida particular, como o lugar onde mora, a vida que leva e suas impressões pessoais dos fatos. O Jornalista vai além; narra uma pesquisa e, no meio dela, envolve-se emocionalmente com seu passado, quando criança, e com a morte do pai, quando adulto. O Jornalista, inicialmente, procura ser objetivo, contando suas pesquisas, relatando os passos seguidos para conseguir as informações. Assim, ele expõe cartas e fotos retiradas de

arquivos, às quais são dadas as devidas referências, na página 05, buscando dar credibilidade ao que será narrado.

O Jornalista tinha em mente um plano, ao iniciar a pesquisa, que, possivelmente, lhe impediu de ver todos os ângulos possíveis da história; sua obsessão por algum aspecto escandaloso das identidades de Buell Quain, um furo jornalístico, impediu-lhe de criar a biografia, ou matéria jornalística. A narrativa de Manoel Perna também não consegue afirmar muita coisa, criando um labirinto de dispositivos identitários que mais confunde o leitor do que explica algo. Dessa maneira, os narradores demonstram que as identidades estão sempre sendo montadas, dia-a-dia. Utilizando o pensamento de Bauman (2005), a identidade no livro deve ser lida como um quebra-cabeça incompleto, pois o objeto que se pretende montar, a figura completa de sua identidade, ou identidades, não é bem definido. O próprio Jornalista admite a metáfora do quebra-cabeça duas vezes: “Fiz algumas viagens, alguns contatos, e aos poucos fui montando um quebra-cabeça e criando a imagem de quem eu procurava.” (CARVALHO, 2006, p. 12). Nesse fragmento, o Jornalista deixa escapar que já tinha em mente certa imagem, mas esta imagem estava incompleta e continuaria incompleta, pois as identidades são assim, feitas e refeitas de acordo com as necessidades do momento. Então, uma pessoa como o antropólogo se adaptaria para viver bem nos lugares que pretendia. Ele tinha posse de alguns dispositivos identitários, indicando um caminho a percorrer; porém, os dispositivos podem ser falsos, sendo que não há documentos suficientes para comprová-los. O Jornalista, após suas pesquisas, admite não encontrar as peças necessárias para definir a imagem identitária do antropólogo: “Ao voltar sem respostas da aldeia, em setembro, achei que só a família de Quain poderia me esclarecer o que faltava no meu quebra-cabeça.” (CARVALHO, 2006, p. 137). O personagem-escritor fica esperando achar respostas para algo que não tem uma pergunta concreta. Difícil é a tarefa de descobrir quem é uma pessoa pelos seus atos; assim o personagem-escritor problematiza a atual dificuldade de definir o outro e de definir a si mesmo. Podemos determinar alguns aspectos identitários das pessoas pela observação, como os apontados pelo romance. Como o objeto de estudo já não continua sua construção identitária, porque já faleceu, seu histórico acadêmico pode ser apresentado, seu currículo profissional e suas aventuras de viagem, mas nada disso diz quem realmente estava por trás do nome Buell Quain. Dispositivos identitários gerais

podem ser apontados, como estrangeiro, antropólogo, homem e suicida. Porém, não sabemos se esses dispositivos eram considerados pela pessoa de Buell Quain como relevantes. Há, nesse caso, o que o outro vê da pessoa analisada, mas não há o que a pessoa sente, como ela se pensa ou como define a si mesma. As identidades movem-se entre essas afirmações.

Dessa maneira, não encontrando respostas nem mesmo com a família, o Jornalista cria a sua ficção; ele mesmo afirma que a “[...] ficção começou no dia em que botei os pés nos Estados Unidos.” (CARVALHO, 2006, p. 142). Estaria o Jornalista afirmando que ficcionalizou sua viagem aos Estados Unidos ou que decidiu escrever uma ficção após sua estada no país em busca de respostas? Poderia-se ainda supor que o que lhe acontecera nos Estados Unidos era tão absurdo que iria soar como ficção? Contudo, o que vale ressaltar é que a identidade é uma ficção criada pelo sujeito desde seu nascimento, alimentada no decorrer da sua vida, como um quebra-cabeça do qual não se sabe a imagem final, pois se vão acumulando peças que serão usadas ou descartadas de acordo com a conveniência do momento.

O Jornalista escolhe, dessa maneira, narrar sua jornada em busca da identidade de Buell Quain, e ficcionaliza o narrador, Manoel Perna, para preencher os espaços das peças que faltaram em sua pesquisa. Essa questão metaficcional – na qual há a criação de uma narrativa dentro da narrativa, e o personagem-escritor, Jornalista, cria o personagem e narrador, Manoel Perna – remete à figura do autor, Bernardo Carvalho, sujeito que, muitas vezes, pode ser confundido com o personagem-escritor no romance *Nove Noites*. Pelo contrário, Manoel Perna, criado pelo Jornalista, afasta-se muito do seu criador, pois viveu em uma época diferente, com profissão distinta e vivências diferenciadas. Dessa maneira, é necessária uma pesquisa detalhada para perceber essa conexão entre eles, pois só no final do romance há uma declaração que poderia nos levar a crer na criação desse personagem narrador, quando o Jornalista afirma que “Manoel Perna não deixou nenhum testamento, e eu imaginei a oitava Carta.” (CARVALHO, 2006). Dessa maneira, o autor, Bernardo Carvalho, poderia ser confundido com o Jornalista, pois ambos possuem características em comum, mas o Jornalista não poderia ser confundido com sua criação, Manoel Perna.

3.5 As imagens

O romance *Nove Noites* apresenta, em seu corpo, novidades estéticas e estilísticas. Na estética, podemos notar a presença de fotografias, as quais otimizam a caracterização de alguns elementos contidos no decorrer da narrativa, já que não há muitas descrições das pessoas no livro; além de apresentar uma diferenciação gráfica entre os narradores pelo uso da letra em itálico, em um deles. Quanto às fotografias, é possível citar o caso de Buell Quain, pois as suas fotografias, de perfil e de frente, aparecem na página 23, logo no início do romance, e a descrição que, em contraposição, é sucinta, surgirá na página 25. Contudo, não é uma descrição meramente ilustrativa para criar uma imagem da pessoa, mas a descrição de como ele aparece na fotografia: “Na foto, ele está de frente para a câmera, sentado numa cadeira, de camisa branca. Tem uma expressão irônica e desafiadora.” (CARVALHO, 2006, p. 25).

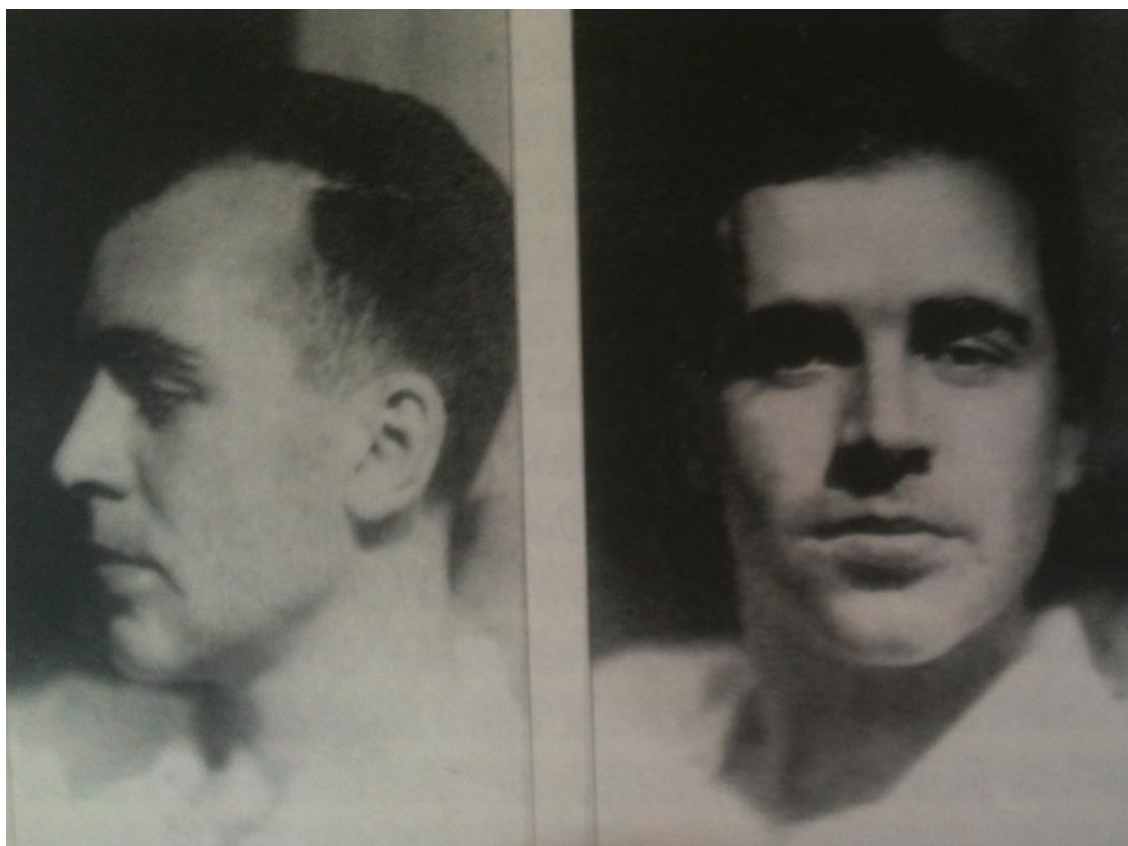


Figura 01 – Buell Quain de perfil e de frente.
Fonte: CARVALHO, 2006, p. 03.

A imagem parece suprir a carência de descrições físicas no romance, ou é mais um modo de construção de um personagem que não é um personagem tradicional, sendo que ele não tem ação na narrativa, não tem voz e parece ser o motivo da narrativa, mais do que um ser integrante dela. Buscando identificar Buell Quain na estrutura da narrativa, perguntamo-nos sobre o papel dele como componente do romance. Seria ele um personagem? Ao observarmos os comentários de Candido, nos quais ele explica que, no romance, a caracterização do personagem “[...] é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro” (CANDIDO, 1970, p. 55), podemos inferir que, em *Nove Noites*, o escritor não segue essa regra, pois assim não caracteriza seus personagens, negando-lhes uma identidade completa e fixa, na qual podemos apoiar alguma tese sobre o sujeito, mas dando indícios de várias identidades. Candido acrescenta que no romance que se apresenta no século XX, transformação iniciada no século XVIII, os personagens são apresentados como “[...] seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.” (CANDIDO, 1970, p. 56). Bernardo Carvalho usa bem essa dinâmica em seu romance. O possível personagem Buell Quain é construído em cima da dúvida, pois é dada a ele uma infinidade de traços que induzem ao constante desconhecimento de sua personalidade, mesmo sendo inspirado em uma pessoa que viveu na realidade e que morreu aos 27 anos.

A fotografia é mais um elemento usado pelo autor para tentar validar sua criação. Beth Brait, em *A personagem* (1987), afirma que a fotografia, como, por exemplo, a três por quatro, “[...] parece ser uma das maneiras mais objetivas de reproduzir a imagem de uma pessoa.” (BRAIT, 1987, p. 12). Porém, essa forma de reprodução da realidade traz uma falsa sensação de identidade, pois a semelhança “[...] com o real reside no registro de uma imagem, flagrada num dado momento, sob um determinado ângulo e sob determinadas condições de luz. Esse produto diz muito pouco, ou quase nada, da complexidade do ser humano retratado” (BRAIT, 1987, p. 13). Sob esse ponto de vista, a imagem de Buell Quain não define sua identidade, como

se poderia esperar de uma foto de perfil e de frente; esta última utilizada nos documentos oficiais.

Na narrativa, ficamos à deriva, sem compreendermos bem quem são os personagens da obra, quem é o personagem principal e quais são os personagens secundários, ou se o personagem seria a própria escrita. Ao mesmo tempo, parece que o Jornalista utiliza Manoel Perna para que o leitor conheça Buell Quain, quando ele mesmo busca apresentar o antropólogo em suas cartas. Seria Buell Quain, então, o personagem principal do enredo? Como não podemos chegar a uma resposta concreta e verdadeira, ficamos flutuando entre as possibilidades identitárias desses elementos da narrativa, assim como as pessoas estão se ligando e se desligando das identidades na realidade. O autor parece mostrar, por meio da sua criação, a impossibilidade de atestar a uma pessoa uma identidade fixa e imutável.

Dessa maneira, as fotografias de Buell Quain acrescentam outra perspectiva à leitura do romance. Podemos ver duas imagens lado a lado; uma, com o rosto de perfil, e a outra, com o rosto de frente, como já dito anteriormente. Duas visões, dois pontos de vista. É possível perceber a ambiguidade nas fotografias. O personagem-escritor parece dizer que sempre há uma perspectiva diferente para cada sujeito que olha um objeto. Na imagem de perfil, talvez fosse possível dizer que era um rapaz branco, com início de calvície, nariz afilado, lábios finos e olhar triste. O olhar chama a atenção nessa imagem; ele olha para baixo, mas não parece estar se fixando em nenhum ponto específico, parece estar refletindo, com o pensamento longe, melancólico. Contudo, a imagem de frente muda as possibilidades de análise. Temos, ali, um homem sério, com olhar penetrante, sedutor, bonito, com lábios atraentes e nariz afilado; as entradas nas têmporas não estão marcadas na fotografia de frente, e o olhar chama a atenção, novamente, no conjunto da imagem; dessa vez, ele fixa o olhar em um ponto que vai direto ao leitor, no caso do livro, buscando um contato firme com quem o vê.

O personagem-escritor retirou as fotos de arquivos, e ainda dá crédito a elas, como no caso da foto da página 23: “página 23: Buell Quain, acervo da Casa de Cultura Heloísa Alberto Torres – IPHAN” (CARVALHO, 2006, p. 04). O que isso pode representar num romance? Parece que o personagem-escritor quer provar que Buell Quain existiu e que não é uma criação da sua imaginação, mas a reprodução de uma pessoa na realidade, como uma biografia ou um artigo de jornal. O autor, através do

personagem-escritor, parece querer reproduzir, dessa maneira, a realidade, e procura atestar, com fatos e fotos, sua narrativa, buscando confundir o leitor, criando uma ilusão quanto à confiança nos acontecimentos, e, mais uma vez, mostra a ambiguidade em relação às identidades.

Acrescentando as descrições do personagem, o personagem-escritor diz que “Buell Halvor Quain nasceu em 31 de maio de 1912, às 1h53 da noite, no hospital de Bismarck, capital da Dakota do Norte.” (CARVALHO, 2006, p. 16). Assim, é apresentada a identidade dessa pessoa, pois se vê, de acordo com a fotografia de frente, o nome, a data e o local de nascimento, os quais são os elementos usados nos documentos de identidade emitidos pelos órgãos reguladores dos estados, além de que, em outras páginas do romance, será exposto o nome dos pais dele. De acréscimo, faltou somente o número do documento.

Conforme dito anteriormente, o escritor Bernardo Carvalho, parece reproduzir a realidade, mas apenas parece, pois, a fotografia apresentada na narrativa é mais uma tentativa de borrar o que possa vir a ser o (re)conhecimento do outro, o que parece mover toda a busca por identidades. Ao mesmo tempo em que a fotografia aparece, revelando dois lados de Quain, o texto aponta para algo estranho em sua personalidade, ao descrever as fotos, mas não o sujeito. A narrativa, desse modo, parece querer dizer que uma identidade é sempre algo mais do que os textos ou as fotos ou os filmes querem nos fazer crer. Tudo parece sugerir que a identidade é algo sempre arbitrário, advinda muito mais do externo do que do próprio sujeito. Este se identificaria, conforme já apontaram Giddens, Bauman e Hall, para não naufragar no desconhecido, para não cair no abismo da ignorância sobre si e sobre aqueles que pretendem descrever sua identidade e, ao mesmo tempo, moldá-la.

A questão de identidade vai além da “identidade” feita pelas “[...] agências inventadas pela democracia moderna em seus dois séculos de história [...]” (BAUMAN, 2005, p. 190). A identidade, no romance, é vista como um labirinto de informações, uma construção constante e uma busca infundável, como afirma Bauman, ao sugerir que, ao invés de se falar de identidade, se deve pensar em identificação, sendo esta “[...] uma atividade que nunca termina, sempre incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados.” (BAUMAN, 2005, p. 193). Não seria isso o que a narrativa faz quando apresenta fotografias e informações incompletas?

Com esse pensamento, tentamos construir o fio que levaria à saída do labirinto identitário de *Nove Noites*, atividade impossível, pois os sujeitos do romance não poderão ser definidos consistentemente em relação às suas identidades, já que o trabalho está apoiado em um terreno movediço – a questão de identidade – e, muitas vezes, um aspecto submergir, deixando outro saliente, e vice-versa.

Assim como a fotografia de Buell Quain, há, no decorrer do romance, dispositivos identitários que fazem o leitor andar por caminhos que se cruzam e que, em alguns pontos, se afastam, até podendo ser divergentes, como no fragmento narrado pelo Jornalista:

A julgar por certos sintomas na pele, achava que tinha contraído sífilis em consequência de uma aventura casual com uma moça que teria encontrado durante o Carnaval no Rio. Segundo ele, a moça em questão havia lhe inspirado confiança ao se dizer enfermeira. (CARVALHO, 2006, p. 35).

Nesse fragmento, é possível ver claramente uma relação heterossexual que aconteceu durante o carnaval no Rio de Janeiro, local pelo qual Buell Quain passou ao chegar no Brasil. Porém, a contradição aparecerá algumas páginas à frente, quando Manoel Perna narra uma de suas conversas com Buell Quain:

Me disse que chegou ao Rio no Carnaval de 1938 e que conheceu, num bloco de rua, uma negra alta e vistosa, fantasiada de enfermeira. Vestia uniforme branco, chapéu branco e sapatos brancos, que realçavam a sua pele de breu, cintilante de suor. Ele mal falava português. Não entendia nada do que ela lhe dizia. Estava bêbado. Levou-a para o seu quarto de pensão, dormiram juntos, mas quando acordou no dia seguinte, ela já não estava lá, como o contador de histórias de Fiji, que o abandonava antes do nascer do sol, e no lugar da enfermeira havia um homem na sua cama, um negro forte e nu, como o nativo dos retratos que me mostrara. Já não se lembrava de nada do que acontecera, nem de como aquele homem tinha ido parar ali. (CARVALHO, 2006, p. 114).

Nesse segundo fragmento, a situação muda de figura; o que, para o Jornalista, era uma moça, para Manoel Perna, é um homem; há descrições que poderiam levar a crer que Quain, por engano, deitou-se com um homem, pois estava bêbado, ou que não se lembrava do que acontecera; porém, o fato é que houve uma relação sexual com outro homem, o que, no relato do Jornalista, sequer é aventado. Os dois fragmentos, assim

como as duas fotografias, ou até mesmo os dois narradores, parecem estar narrando o mesmo fato: os dois, sobre o carnaval no Rio de Janeiro; os dois, sobre alguém negro; os dois, sobre uma enfermeira. Mas são dois pontos de vista distintos que permearão toda a narrativa, reiterando o fato de que há vários dispositivos identitários que não se concretizam.

Nesse emaranhado de dispositivos, podemos afirmar que Buell Quain foi norte-americano, graduado em antropologia, e decidiu pesquisar índios brasileiros depois de ter visitado outras partes do mundo e outras tribos. Segundo informações contidas nas páginas do livro, “[...] ao chegar ao país, em fevereiro de 1938, [...] se apresentava como ‘casado’ [...]” (CARVALHO, 2006, p. 24), e solicitou uma autorização para fazer uma pesquisa de campo. A questão, aqui, é o seu casamento. No decorrer das pesquisas feitas pelo Jornalista, não há indícios que comprovem esse casamento; não há documentos ou alguém que possa afirmar ter havido uma união de Buell Quain com alguma mulher ou com algum homem. Essa informação, declarada pelo próprio Buell Quain, parece não ter respaldo em documentos. Um sujeito casado é mais confiável? O que estaria ele pensando ao se afirmar como casado, e não como solteiro? Havia algo a esconder ou era uma necessidade para conseguir sua autorização? Porém, o sujeito não está presente na narrativa para se justificar e, talvez, em algum lugar do mundo, tenha se casado e haja um documento que comprove esse aspecto que o identifica. Além de que o Jornalista não é infalível, já que, segundo Silviano Santiago, o “[...] narrador pós-moderno é aquele que quer extrair a si da ação narrada, em atitude semelhante à de um repórter ou de um espectador.” (SANTIAGO, 2000, p. 45). O Jornalista usa fatos, entrevistas ou relatos de outros para expor as suas ideias; ele não se garante, pois, em poucos momentos, experimenta o que está narrado, buscando a confiança do leitor em documentos, e não em sua experiência.

Na busca pela identificação do sujeito, o Jornalista encontra-se com a filha de uma mulher que conviveu com Buell Quain, dona Júlia, que lhe apresenta uma carta de Buell Quain endereçada à sua mãe. O que chama a atenção nessa passagem é a fala da filha de dona Júlia ao tentar descrever Buell Quain: “Era um homem muito bonito, alto, moreno, um tipo diferente do americano normal.” (CARVALHO, 2006, p. 25). A questão é: qual é o tipo americano normal? Há, então, rótulos que, muitas vezes, não se encaixam aos perfis reais. Qual dos aspectos citados pela filha de dona Júlia está fora do

padrão americano? Muito bonito? Alto? Moreno? Todos juntos ou nenhum deles? Talvez a marca que acompanhava o americano, na visão da filha de dona Julia, era “loiro de olhos azuis”. Em um país como os Estados Unidos, com misturas raciais e étnicas, as identidades nacionais não podem ser definidas pelas aparências, como levantado pela filha de dona Júlia.

Stuart Hall já definiu a identidade nacional como uma identidade imaginada, a qual é repassada de geração para geração aos olhos dos que vivem em sua nação, assim como também aos outros que veem a outra nação e constroem, assim, a imagem identitária de outro povo. Hall afirma:

[...] a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. [...] fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. (HALL, 2001, p. 51).

Dessa maneira, a identidade nacional é construída com base em fatos históricos e desejos de futuro, criando símbolos que unem as pessoas e ideais a serem alcançados; além de ser simbolicamente baseada na ideia de um povo original, como afirma Hall (2001). Talvez, a partir dessa afirmação, foi criado o estereótipo do americano, pensando em sua origem inglesa anglo-saxônica. As identidades nacionais estão se perdendo há algum tempo, e as fronteiras estão cada vez mais fluidas, como representado pelo próprio romance na passagem: “Quando se matou, tentava voltar a pé da aldeia de Cabeceira Grossa para Carolina, na fronteira do Maranhão com o que na época ainda fazia parte de Goiás e hoje pertence ao estado do Tocantins.” (CARVALHO, 2006, p. 13). Aqui, fica explícito que as fronteiras são virtuais e de conveniência; e que as identidades nacionais formam-se a partir de convenções e de ideologias.

Os elementos extraliterários encontrados no romance são dispositivos discursivos em meio à narrativa que indicam a mistura de gêneros. Essa mistura de gêneros e de tipos em meio à narrativa do romance, como cartas, fotos e depoimentos, passou a fazer parte da literatura nacional, com muito acanhamento, a partir do século XX, e toma forma concreta na passagem do século XX para o século XXI. Isso tudo

representa a dificuldade de se definir as identidades de uma forma geral, mostrando que as identidades são móveis, assim como os tipos de narrativas na obra. Não é possível definir a narrativa de *Nove Noites* como investigativa, de viagem, depoimento ou nenhum outro aspecto fixo das narrativas tradicionais. Temos um exemplo de narrativa mista produzida no início do século XXI. Mista como parecem ser as identidades moventes na narrativa, difíceis de serem rastreadas, como a identidade de Buell Quain.

3.6 Estilo de vida e escolhas

A discussão sobre identidade pode ser exposta de inúmeras maneiras. Um dos temas recorrentes é a forma como os sujeitos levam suas vidas. Como muito bem argumentado por Anthony Giddens, em *Modernidade e identidade* (2002), o sujeito encontra-se em um mundo no qual tem a obrigação de viver segundo um determinado estilo de vida; algumas vezes são impostas as regras a serem seguidas para se ter esse estilo de vida; em outras, raras vezes, escolhe-se como viver e o que almejar.

Em *Nove Noites*, encontramos inúmeros estilos de vida. Há um emaranhado de correntes às quais os sujeitos se agarram para viver. Desde o estrangeiro viajado ao tribal isolado, temos espaços distintos e distantes na obra. O Brasil é representado por vários lados; a identidade nacional fica à mercê dos povos tribais, ou seja, ao olharmos o tema com um olhar direcionado por Hall (2001), veremos que esses povos indígenas são, de certa forma, a origem do povo brasileiro; teríamos, aí, uma representação da identidade nacional. Porém a visão dos índios brasileiros no romance está, de certa maneira, distorcida, representada por uma nova forma de realismo. O índio clássico de José de Alencar abre espaço para um povo sujo, aproveitador e esfomeado. A representação do índio pelo Jornalista ironiza “a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.” (ALENCAR, 1991, p. 07). Na obra de Alencar, a imagem do índio é poeticamente construída para que o leitor possa vislumbrar a beleza dos habitantes originais do Brasil. Em Carvalho, a descrição já não cria a beleza: “O nariz adunco, a testa avançada sobre os olhos fundos, as faces encovadas entre os cabelos pretos e lisos que caíam até os

ombros.” (CARVALHO, 2006, p. 85). Na passagem de *Nove Noites*, o personagem-escritor escolhe palavras e as utiliza de modo pejorativo para descrever o índio, dando-lhe uma aparência caricatural.

A forma como a tribo se porta, a maneira como eles comem e conversam é, por vezes, comentada pelo Jornalista de maneira severa e crítica: “Quando se aproximavam, era ou para pedir alguma coisa ou porque estavam bêbados. Só as crianças riam de mim, e as mulheres. As crianças e as mulheres eram mais vivas.” (CARVALHO, 2006, p. 87). O trecho do livro é ambíguo, a imagem cristalizada do índio na narrativa romântica brasileira nega sua alteridade, dando a eles características europeizadas, esse discurso está impregnado na cultura nacional desde a cena inicial narrada por Pero Vaz de Caminha. Fica implícita a vontade do personagem-escritor de mostrar um índio vicioso e preguiçoso. Ao pensar que eles se aproximavam para pedir, remete-nos à facilidade, e não ao trabalho duro. Os índios, no livro, são vistos como sujeitos aculturados. Usam roupas de branco, possuem casas e falam a língua oficial brasileira, mas continuam fora da sociedade dita civilizada e aproveitam do seu *status* de “donos da terra” para manterem seus costumes que, segundo o Jornalista, não fazem mais nenhum sentido.

A identidade, aqui, é vista como algo estranho ao olhar do outro. A visão do Jornalista é que determina as características que serão ressaltadas nas páginas do romance. Como ele está habituado a um estilo de vida civilizado e higiênico, todo detalhe de desordem, ou seja, aquilo que está fora de lugar segundo os padrões do Jornalista, é ressaltado, mostrando a identidade indígena muito diferente de como estamos habituados a ver na literatura romântica brasileira.

O tema da identidade não se esgota, e passamos a ver a questão como escolha ou imposição dada ao sujeito assim que nasce. Indo além das identidades de gênero e de classe social, o romance aborda as identidades de escolha. Em uma passagem do livro, o sertanejo Manoel Perna narra o que escutou de Buell Quain:

Me falou do tempo que passou entre esses índios e de uma aldeia, que chamou Nakoroka, onde cada um decide o que quer ser, pode escolher sua irmã, seu primo, sua família, e também sua casta, seu lugar em relação aos outros. Uma sociedade muito rígida nas suas leis e nas suas regras, onde, no entanto, cabe aos indivíduos escolher os seus papéis. Uma aldeia onde a um estranho é impossível reconhecer os traços genealógicos, as famílias de sangue, já que os parentes são eletivos, assim como as identidades. (CARVALHO, 2006, p. 41).

Essa aldeia narrada por Manoel Perna tem as identidades que poderíamos considerar impossíveis de serem alteradas. Os laços de sangue em nossa sociedade são algo que não se pode modificar; o filho da irmã sempre será o sobrinho do sujeito. Porém, ficamos abalados com a possibilidade de escolha de parentesco por conveniência ou pura vontade. É dito que essa sociedade tem regras rígidas, mas não é exposta qual rigidez é essa; só é apresentada a suavidade das regras de parentesco. Esse fragmento confirma a teoria de que as identidades são móveis e construídas pelos sujeitos que as vivem, desde que a sociedade se organize desse modo. Assim, se um dos traços definidores da identidade, como os laços de sangue, pode ser alterado em determinadas sociedades, isso implica que a noção de identidade é discursiva, inventada, imaginada por uma cultura que quer ordenar os sujeitos que pertencem a ela de acordo com as necessidades políticas e ideológicas dessa mesma sociedade.

A cada momento, o sujeito vai escolhendo o que fazer da sua vida, qual caminho tomar, qual estilo de vida almejar. Assim como Buell Quain, que nasceu de pais médicos, ricos, e, na adolescência, escolheu viver como marinheiro de um navio a vapor para Xangai. Iniciou o curso de zoologia, mas se graduou em antropologia, e viajou por algumas aldeias, estudando-as. Como as identidades são adquiridas ao longo da vida pelas escolhas do sujeito, Buell Quain preocupava-se em não ser confundido com as culturas que estudava: *“A ele, só restava observar, que em princípio era a única razão da sua presença entre os Trumai. Quando chegou aqui, estava cansado desse papel. Mas também tinha horror da idéia de ser confundido com as culturas que observava.”* (CARVALHO, 2006, p. 49). Isso porque, ao passar muito tempo exposto a um determinado estilo de vida, o sujeito acaba absorvendo características que podem remeter a uma determinada identidade.

Concluindo, a identificação deve ser levada em conta ao se pensar sobre a questão de identidade; o Jornalista, ao passar um tempo na aldeia dos *Krahô*, percebe um garoto, entre todos os habitantes da aldeia, e se identifica com ele, ao ponto de colocá-lo nas páginas da sua narrativa: *“Nunca soube o nome do menino ou a idade (devia ter por volta de dez anos), embora tenha sido ele quem de alguma forma chegou mais perto de me dizer algo próximo da verdade.”* (CARVALHO, 2006, p. 80). Nesse fragmento, o personagem-escritor parece fazer o jogo do livro, pois ele mesmo não é nomeado nas páginas do romance, e não estão impressas referências quanto à sua idade,

características iguais às do menino índio que levaria à sua identificação. O jogo, nesse momento, parece ser convencer o leitor de que ele é confiável e de que a sua narrativa é válida e estritamente baseada em fatos e experiências. Ao dar atenção a um garoto de quem não sabe o nome nem a idade, o personagem-escritor coloca em xeque a validade de sua narrativa. Estaria ele mostrando ao leitor que a confiança vai além das identidades oficiais, com nomes, sobrenomes, família e data de nascimento? Não se esgotam as hipóteses de pesquisa sobre as questões de identidade, cabendo trabalhar com mais detalhes cada um dos dispositivos disparados no decorrer da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou afirmar que os dispositivos identitários precisam ser reforçados em todo o momento pelo sujeito para que possam existir, e que não são fixos. No romance *Nove Noites*, vemos um personagem, Buell Quain, sendo objeto de pesquisa de um jornalista que busca dar uma razão para seu suicídio, 62 anos atrás, no meio da floresta Amazônica brasileira; e partes da memória de outro narrador, Manoel Perna, que conviveu com o personagem na época da sua passagem pela tribo *Krahô*. Essas duas narrativas se entrelaçam, criando um labirinto de informações sobre o antropólogo americano. Na narrativa, Buell Quain pode ser lido como desajustado da cultura americana; pode ser visto como um estudioso de povos tribais, solitário, antropólogo, estrangeiro, gay, hetero, solitário, amante da música e das artes, rico que gostava de ser identificado como pobre, entre outros dispositivos identitários que, muitas vezes, se contradizem, sendo que, ao fim da leitura do romance, a maioria dos traços identitários não pode ser comprovada.

O jornalista utiliza pressupostos para tentar encontrar o motivo do suicídio; inicialmente guiado pela ideia de uma morte passional, ele direciona suas pesquisas para o campo afetivo. Discute, com esse pressuposto, temas sobre traições heterossexuais e desejos homossexuais. Com esse exemplo, é possível supor que as identidades, a maneira como identificamos o outro, funcionam como as pesquisas do jornalista, indefinidas até que o sujeito defina o que e como ele é, e viva essa escolha. No romance, não há afirmações por parte de Buell Quain, deixando-o indefinido.

O sujeito contemporâneo, como Buell Quain, vive fragmentado em inúmeras faces de si mesmo. Vários processos da sociedade atual auxiliam na construção e na desconstrução dessas multifaces identitárias. A tecnologia da comunicação, por exemplo, trouxe, junto com suas facilidades, um aglomerado de exemplos de como o sujeito pode ser e se portar. O sujeito, hoje, tem acesso aos mais diversos modos/estilos de vida, e pode, com um clique, escolher em qual grupo irá ingressar e, a partir desse ponto, desenvolver características e atitudes que o definirão, assumindo, assim, uma identidade. Dessa mesma maneira, a literatura vem se transformando com o advento da tecnologia. A literatura contemporânea está repleta de novidades; livros sobre a vida de celebridades, autobiografias e biografias, romances feitos na expectativa de virar filmes, e outros encomendados para o cinema, como a saga *Harry Potter*, mistura de estilos,

metaficção e fragmentação do texto. Dentro desse cenário mundial da literatura contemporânea, a literatura brasileira acompanha as tendências do mercado editorial.

A literatura brasileira desenvolveu-se do romantismo, em busca de identidade ao pós-moderno, sem identidade definida. De um enredo tipicamente romântico, com protagonistas, antagonistas e linearidade da narrativa, para o cenário urbano caótico, com sujeitos fragmentados e móveis. Em *Nove Noites*, os sujeitos estão em busca de uma explicação de si mesmos e do outro; difícil seria definir o(s) protagonista(s) e o(s) antagonista(s), assim como o clímax do enredo, pois não apresenta as características primordiais do romance reconhecido como tradicional – início, desenvolvimento, clímax e desfecho.

O Jornalista pesquisa uma pessoa do passado; a cada fato da vida do outro, ele se encontra e narra a si mesmo. Nas suas pesquisas e viagens, ele relembra uma viagem que fez quando criança, com o pai, para uma aldeia; vale ressaltar que, nesse ponto, ele inverte o clima da narrativa, e Buell Quain é quem passa a ficar em segundo plano, como mostrado a seguir: “Buell Quain também havia acompanhado o pai em viagens de negócios. Quando tinha catorze anos [...]” (CARVALHO, 2006, p. 57). O personagem-escritor deixa de falar do seu objeto de pesquisa e expõe-se; nesse momento, ao invés de se comparar com seu objeto, como seria o esperado, ele compara o objeto consigo mesmo, e acrescenta que as consequências das vivências, dele e de Buell Quain, são opostas, como afirma na seguinte passagem:

Mas se para Quain, que saía do Meio-Oeste para a civilização, o exótico foi logo associado a uma espécie de paraíso, à diferença e à possibilidade de escapar ao seu próprio meio e aos limites que lhe haviam sido impostos por nascimento, para mim as viagens com o meu pai proporcionaram antes de mais nada uma visão e uma consciência do exótico como parte do inferno. (CARVALHO, 2006, p. 57).

Porém, mesmo com consequências distintas, o caso de Buell Quain se reflete em si mesmo, propondo que o sujeito se interessa pelo que o espelha de alguma maneira. Esse jogo de mudar o foco da narrativa, de confundir o leitor com as possíveis identidades de Buell Quain, a indefinição do jornalista – ao começar pela falta de nome, e pela dificuldade de classificar o livro em romance, reportagem, investigação, policial entre outras possibilidades –, foi o que levou ao desenvolvimento deste trabalho. E, apesar de chegar ao fim, não há uma conclusão precisa. As lacunas continuam abertas e

podem ser preenchidas pelos leitores e pelos críticos, pois o campo das identidades é fluido e maleável. Cada pessoa terá uma visão diferente da leitura do romance, e isto dependerá de como sua identidade foi e está sendo formada, assim como os narradores Jornalista e Manoel Perna, que só narram o que podem perceber no seu campo limitado de visão. O sujeito pode ser determinado pelo estilo de vida que escolheu. Estilo de vida que, segundo Giddens, “[...] pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade.” (GIDDENS, 2002, p. 79).

O desenvolvimento deste trabalho deu-se exclusivamente por pesquisas bibliográficas e discussões sobre os temas. A cada releitura do romance, questões identitárias surgiam e exigiam mais conhecimento sobre a história da literatura para confrontá-la com a atual literatura que, como expresse anteriormente, se vale mais da negação de pressupostos do que de novidades. Os teóricos da identidade deram fundamentação ao tema e ajudaram a compreender as possibilidades de leitura do romance. As ideias de Bauman sobre identidade multifacetada e incompleta aplicaram-se perfeitamente ao perfil de Buell Quain, enquanto que as escolhas do personagem-escriptor se adequaram à teoria de estilos de vida de Giddens e à auto-identidade. Já Hall foi o berço minador de todo o trabalho; seu estudo sobre identidade cultural serviu como base para o entendimento da discussão atual sobre o tema.

Os dispositivos entraram no trabalho a partir da leitura de *História da sexualidade I – A vontade de saber*, de Michel Foucault (1988). Com a propagação de identidades pelo mundo, os dispositivos foram se formando e estigmatizando muitas identidades. As instituições oficiais criaram inúmeros dispositivos para facilitar a classificação das populações, e os estados exigiram que cada sujeito se encaixasse em algum tipo de identidade, buscando definir os traços gerais das identidades dos países. Dentro da obra, os narradores dispõem de informações sobre possíveis identidades, de tal maneira que o leitor se perde durante a leitura. Daí surgiu a ideia de labirinto, no qual os leitores são atirados ao iniciar a leitura, pois são apresentados dispositivos identitários sobre os personagens que são desmentidos ao se lançar mão de outros dispositivos opostos. Como um suposto caso de traição de Buell Quain, ou o seu

suposto filho, investigado nas últimas páginas, colocando em dúvida as afirmações da sua homossexualidade.

Quanto à escrita, *O foco narrativo*, de Ligia Chiappini, foi referência, além de Schøllhammer, Santiago, Candido, Braith e Leila Perrone-Moisés, que ajudaram a esclarecer o modo de escrita da literatura contemporânea e suas possíveis análises.

O trabalho deixou a sensação de incompletude, mas de sucesso, ao buscar apresentar algo que foi feito para não ser definido, a identidade. A escrita de Bernardo Carvalho deixa muitas lacunas a serem preenchidas; assim, cabe a cada leitor/crítico mostrar seu ponto de vista. Supõe-se, no decorrer da pesquisa, que o propósito do escritor era jogar com as identidades pré-estabelecidas e com a questão do escritor/narrador/personagem. O que coube no corpo do trabalho foi a exposição das teorias sobre identidade e a discussão destas no labirinto do enredo de *Nove Noites*. Foi apresentado cada narrador e personagem, além do enredo múltiplo – mas sobre um só tema: Buell Quain. Foram discutidas também as características da obra de uma maneira geral, utilizando, para tal, críticos da atualidade, com a intenção de classificar o romance como pós-moderno. Por fim, o que se pode afirmar é que a identidade da narrativa, dos personagens e da literatura é posta à prova na escrita de Bernardo Carvalho, em *Nove Noites*.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia do autor

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, Bernardo. Minha cegueira. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, n. 8, p. 217-219, 2005. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/bem-vindo/>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

CARVALHO, Bernardo. *O escritor Bernardo Carvalho em nova tradução francesa*. Paris: RFI - Rádio Francesa Internacional, 24 out. 2008. Entrevista concedida a Adriana Brandão. Disponível em: <http://www.rfi.fr/actubr/articles/106/article_13152.asp>. Acesso em: 02 set. 2010.

Bibliografia sobre o autor

BARCELOS, J. Dias. Morte e narração em “Nove Noites”, de Bernardo Carvalho. *Tecer: Revista Científica do Instituto Metodista Izabela Hendrix*, Belo Horizonte, v. 1., n. 1, p. 128-134, mai. 2008. Disponível em: <http://proacad.metodistademinas.edu.br/tecer/TEXTOS_TECER0/IMGS/PDFS/MORTE_JANAINA.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2010.

BRIZUELA, Natalia. Carvalho’s Novel Nine Nights! *Bomb Magazine*, New York, n. 102, Winner 2008. Disponível em: <<http://bombsite.com/issues/0/articles/3038>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

CARVALHO, Matheus. Identidade na obra de Bernardo Carvalho. *Essays*, blog. Desenvolvido por Matheus Carvalho, 2007. Disponível em: <<http://matcarvalho.blogspot.com/2007/07/o-presente-artigo-busca-analisar-questo.html>>. Acesso em: 02 set. 2010.

CASTRO, Marilda de Souza. Redesenhado a identidade. In: MENDES, L. B. *Memórias do presente: ensaios de literatura contemporânea*. Belo Horizonte: POSLIT/FALE/UFGM, 2000, p. 115-130.

CHAGURI, M. M.; SILVA, M. A. M. Verossimilhança e formação como projetos incompletos: literatura e história em “Nove Noites”. *Plural: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, n. 14, p. 119-132, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/14/artigo_6_Plural_14.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2010.

COSTA PINTO, Manuel. *Literatura brasileira hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.

MACHADO, C. E. Folha reúne quatro autores para debater a ficção feita no país. *Folha de São Paulo online*, São Paulo, 21 jul. 2013. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u35365.shtml>>. Acesso em: 02 set. 2010.

MACHADO, C. E. Suicídio real alimenta ficção do escritor Bernardo Carvalho. *Folha de São Paulo online*, São Paulo, 28 set. 2002. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u27667.shtml>>. Acesso em: 02 set. 2010.

MALARD, Letícia. Resenha: Nove Noites. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 311-337, dez. 2004. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta15/Conteudo/N15_Parte04_resenha.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2010.

MICALI, Danilo Luiz Carlos. A viagem de Nove Noites rumo ao “outro”. *Travessias*, Cascavel/PR, v. 2, n. 02, 2008. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_003/cultura/A%20VIAGEM%20DE%20NOVE%20NOITES.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2013.

PINTO, Sílvia Regina. Desmarcando territórios ficcionais: aventuras e perversões do narrador. In: NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate (Org.). *Armadilhas ficcionais: modos de narrar*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

TELLES, Renata. A fabricação de uma convivência. *Crítica Cultural*, Palhoça/SC, v. 2, n. 1, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica/0201/05.html>>. Acesso em: 15 set. 2010.

Bibliografia geral

AGAMBEN, Giorgio; BATAILLE, Georges. A exceção e o excesso. *Outra travessia: revista de literatura*, Ilha de Santa Catarina, v. 2, n. 5, 2º sem. 2005.

ALENCAR, José de. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000136.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2013.

ALZUGARAY, Paula. A vida em aerocidades. *Select*, São Paulo, ano 2, ed. 07, p. 52-54, ago./set. 2012.

ASSIS, Machado. Identidade. In: _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v. 2.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

VECCHI, Benedetto. Introdução. In: BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 07-14.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 10. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 197-221.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Trad. Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 287-307.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. Só posso escrever o que sou. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 167-180, mai./ago. 2010.

CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1970.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COMITTI, Leopoldo. A biografia revisitada. In: _____. *Transbordamentos: biografia, acervos de escritores e histórias da literatura*. São Paulo: Barcarola, 2000, p. 09-28.

FILHO, Adonias. Introdução. In: _____. *O Romance Brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch, 1969, p. 11-17.

FOUCAULT, Michel. The Metamorphosis and the Labyrinth. In: _____. *Death and the labyrinth: the world of Raymond Roussel*. Trowbridge: Continuum, 2004, p. 77-98.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. *The advocate*, Toronto, n. 400, p. 25-30, 7 ago. 1984. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 27 jan. 2012.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10. ed. Trad. Thomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAFETÁ, João Luiz. Os pressupostos básicos. In: _____. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo: ou a polêmica em torno da ilusão*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVIERI, Antônio Carlos. Romantismo no Brasil (4): romance Indianista. In: UOL Educação. Pesquisa escolar. Desenvolvido por UOL, 1996. Apresenta notícias, matérias e artigos sobre educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/portugues/ult1706u18.jhtm>>. Acesso em: 28 set. 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Modernidade em ruínas. In: _____. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 174-215.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa. Sujeitos ficcionais. In: _____. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Marins Fontes, 2001, p. 01-41.

SANTIAGO, Silviano. O caminho circular da ficção. Ou não será outra a verdade. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: _____. *Nas malhas da letra - ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 44-60.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. *Identidade, para que te quero?*. Disponível em: <<http://www.tanianavarroswain.com.br/brasil/identidade%20p%20q%20te%20qyero.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2012.